



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E SAÚDE

SALÉSIO PADILHA

DANÇA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA:
Percepções de professores, familiares e estudantes

LAGES
2023

SALÉSIO PADILHA

DANÇA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA:
Percepções de professores, familiares e estudantes

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC.

Orientador: Prof. Dr. Dalvan Antonio de Campos

Coorientadora: Profa. Dra. Mareli Eliane Graupe

LAGES

2023

Ficha Catalográfica

P123d

Padilha, Salesio

Dança no processo de desenvolvimento e inclusão social de pessoas com deficiência : percepções de professores, familiares e estudantes / Salesio Padilha ; orientador Prof. Dr. Dalvan Antonio de Campos ; coorientadora Prof. Dra. Mareli Eliane Graupe. – 2023.

84f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2023.

1. Inclusão social. 2. Pessoas com deficiência. 3. Dança. I. Campos, Dalvan Antonio de (orientador). II. Graupe, Mareli Eliane (coorientadora). III. Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDD 370

SALESIO PADILHA

DANÇA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA:

Percepções de professores, familiares e estudantes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense, para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Saúde.

Aprovada em 29 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Profº. Dr. Dalvan Antonio de Campos
(Orientador – PPGAS/UNIPLAC)

Profa. Dra. Mareli Eliane Graupe
(Coorientadora – PPGAS/UNIPLAC)

Profa. Dra. Marina Bastos Paim
(Examinadora Titular Externa - PPGGS/UNIPLAC)

Profa. Dra. Lenita Agostinetti
(Examinadora Titular Interna - PPGAS/UNIPLAC)

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação para o Exame de Defesa de Dissertação são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 29 de junho de 2023.

Salésio Padilha

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que me ajudaram nesta caminhada. Agradecer a minha família pelo apoio, ao meu filho. Também agradeço a direção da APAE, em nome da ex-diretora Roseli Freitas e do atual diretor Fabrício Matos que não mediram esforços para possibilitar a realização da pesquisa, bem como aos participantes desta pesquisa, professores, pais, familiares e estudantes.

Gostaria de agradecer a Universidade do Planalto Catarinense, ao Reitor Caio Amarante, ao Diretor da Fundação UNIPLAC, Carlos Eduardo de Liz e também ao meu orientador Dalvan Antonio de Campos e coorientadora Mareli Eliane Graupe, que não mediram esforços para ajudar e orientar nessa jornada.

Agradeço a Silvana Pinheiro que sempre esteve pronta para ajudar e a todos os Professores do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde (PPGAS).

Por fim, agradeço a DEUS e todos que de uma forma de direta e indireta me ajudaram. Obrigado!

RESUMO

Embora os documentos oficiais orientem sobre o processo de inclusão social para pessoas com deficiência (PCD), ainda é grande a dificuldade encontrada por parte dessas pessoas na efetivação dos seus direitos. Há muito preconceito e falta de conhecimento por parte da sociedade em relação a esse grupo populacional. A dança como ferramenta importante no processo de socialização e inclusão social vem se mostrando cada vez mais utilizada nas instituições de ensino especial. A partir disso, e considerando algumas evidências científicas que apontam a dança enquanto uma ferramenta de melhoria de aspectos psicomotores e de inclusão social de PCD, faz a seguinte pergunta: como a dança pode influenciar na inclusão social de pessoas com deficiência? Mediante a isso, o objetivo deste trabalho foi compreender as influências da dança no processo de inclusão social de pessoas com deficiência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que foi desenvolvida na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município de Lages/SC. Os participantes da pesquisa foram professores (n=6), pais/responsáveis (n=6) e estudantes (n=6) com deficiência que participavam do grupo de dança. A coleta de dados foi realizada nos meses de fevereiro de 2023, por meio de questionário sociodemográfico e entrevistas individuais com roteiro semiestruturado que versava sobre o objetivo da pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa. Os áudios foram transcritos na íntegra e foi realizada análise temática. Foram construídos 12 temas, 5 oriundos das percepções dos professores, 4 das percepções dos pais/responsáveis e 3 dos estudantes com deficiência. Concluiu-se que a inserção na dança contribuiu em diversos aspectos para melhoria da qualidade de vida e da inclusão social das PCD. Destaca-se o desenvolvimento motor, cognitivo, a desinibição e prazer para realizar a dança, bem como outras atividades na escola. Além disso, verificou-se a percepção de inclusão social, em especial por conta das apresentações e eventos externos à instituição de educação especial.

Palavras-chave: Inclusão social. Pessoas com deficiência. Dança.

ABSTRACT

Although official documents provide guidance on the process of social inclusion for people with disabilities (PWD), the difficulty in realizing their rights remains significant. There is a lot of prejudice and lack of understanding in society towards this population. Dance, as an important tool in the process of socialization and social inclusion, has been increasingly utilized in special education institutions. Considering scientific evidence that highlights dance as a tool for improving psychomotor aspects and social inclusion of PWD, the following question arises: How can dance influence the social inclusion of people with disabilities? Given this, the aim of this study was to understand the influences of dance on the process of social inclusion for people with disabilities. This was qualitative research conducted at the Association of Parents and Friends of Exceptional Children (APAE) in the municipality of Lages/SC. The research participants included teachers (n=6), parents/guardians (n=6), and students (n=6) with disabilities who were part of the dance group. Data collection took place in February 2023, through a sociodemographic questionnaire and individual semi-structured interviews focused on the research objective. The research was approved by the research ethics committee. The audio recordings were fully transcribed, and thematic analysis was conducted. A total of 12 themes were identified, with 5 stemming from teachers' perceptions, 4 from parents/guardians' perceptions, and 3 from students with disabilities. The study concluded that engagement in dance contributed to various aspects of improving the quality of life and social inclusion of PWD. Notably, it supported motor and cognitive development, increased self-confidence, and provided enjoyment in engaging in dance as well as other activities at school. Additionally, a sense of social inclusion was observed, particularly through performances and events external to the special education institution.

Keywords: Social inclusion. People with disabilities. Dance.

IMPACTO E CARÁTER INOVADOR DA PRODUÇÃO INTELECTUAL

A presente pesquisa apresenta relevância especialmente pelo impacto social que representa, visto que ao abordar a temática da dança na inclusão social de pessoas com deficiência produz conhecimentos que poderão embasar políticas públicas e ações voltadas para inclusão social desse grupo populacional. Além disso, por trabalhar o aspecto da dança, contribui no aspecto cultural, fomentando essa arte/esporte que está inserido nas diferentes manifestações populares. Por fim, destaca-se o espaço de ineditismo da temática da pesquisa no contexto da Serra Catarinense e Santa Catarina, disponibilizando informações científicas sobre os impactos da dança na inclusão social de pessoas com deficiência de Lages, que se somarão a outras fontes na busca pelo combate a discriminação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| AEE | Atendimento Educacional Especializado |
| AMA | Associação de Amigos do Autista |
| AMURES | Associação de Municípios da Região Serrana |
| APAE | Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais |
| APAS | Associação de Pais e Amigos dos Surdos |
| FUNDEB | Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação |
| LDBEN | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| TA | Termo de Assentimento |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| PCD | Pessoas com Deficiência |

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem origem na trajetória pessoal e profissional do pesquisador que a desenvolveu, sendo ele professor de dança de pessoas com deficiência (PCD) no contexto investigado. Neste sentido, o trabalho se inicia com esta apresentação breve de seu histórico relacionado à dança e às PCD.

A trajetória profissional do pesquisador teve início em 1995 como professor de educação física no ensino regular. Logo após, iniciou suas atividades com a dança, sendo, professor de dança, dançarino, fundador, coreógrafo e coordenador do grupo de danças *Sequencie 78*, professor de dança da Fundação Cultural de Lages e atual diretor da Escola de Artes do município do município.

No ano de 2009, iniciou os trabalhos com as PCD, mediante a convite da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Lages. Assim, passou a atuar como professor de dança junto aos alunos da instituição. Este foi um grande desafio, mas de grande aprendizado, apesar das muitas dificuldades encontradas, foi possível desenvolver as atividades curriculares de dança e também formar um grupo de dança com 15 estudantes da APAE.

O grupo de dança atua em apresentações para abertura de eventos, bem como participa de competições no âmbito regional, estadual e nacional. No ano de 2018, em uma competição regional de dança realizada entre as APAE, o grupo alcançou o 1º lugar no campeonato e garantiu a vaga para a etapa estadual, na qual ficaram em 3º lugar¹.

Além dos títulos, o pesquisador observou, ao longo do tempo, a evolução das crianças na atividade da dança. Deste modo, despertou o interesse de compreender em profundidade as influências da dança na vida dessas pessoas, com ênfase na inclusão social, originando esta dissertação.

¹ <https://jornalgazetaserrana.blogspot.com/2018/04/?m=0>

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 1.1 Pergunta de pesquisa | 15 |
| 2 OBJETIVOS..... | 16 |
| 2.1 Objetivo geral | 16 |
| 2.2 Objetivos específicos | 16 |
| 3 REVISÃO DE LITERATURA..... | 17 |
| 3.1 Dança no contexto da educação física | 17 |
| 3.1.1 <i>Tipos de danças</i> | 19 |
| 3.2 Pessoas com deficiência: educação inclusiva, dança, qualidade de vida e inclusão social | 20 |
| 3.2.1 <i>As pessoas com deficiência e a educação especial</i> | 20 |
| 3.2.2 <i>Dança, qualidade de vida e inclusão social</i> | 25 |
| 4 METODOLOGIA DA PESQUISA..... | 27 |
| 4.1 Tipo de estudo | 27 |
| 4.2 Local do estudo | 27 |
| 4.3 Participantes, critérios de inclusão e exclusão | 28 |
| 4.4 Procedimento de coleta e registro dos dados | 29 |
| 4.5 Análise dos dados | 30 |
| 4.6 Aspectos éticos | 31 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 32 |
| 5.1 Perfil sociodemográfico dos professores, pais/responsáveis e estudantes com deficiência | 32 |
| 5.2 Percepções dos professores | 33 |
| 5.2.1 <i>Desenvolvimento cognitivo, psicomotor e nas atividades cotidianas</i> | 33 |
| 5.2.2 <i>Desenvolvimento da socialização, coletividade e pertencimento a grupo</i> .. | 35 |
| 5.2.3 <i>Prazer, superação e aumento da autoestima</i> | 37 |
| 5.2.4 <i>Desenvolvimento de habilidades de comunicação em público</i> | 38 |
| 5.2.5 <i>Inclusão em uma perspectiva ampla</i> | 40 |
| 5.3 Percepções dos pais/responsáveis | 42 |
| 5.3.1 <i>Prazer e sentimento de alegria relacionada a prática da dança</i> | 43 |
| 5.3.2 <i>Desenvolvimento das PCD e realização de atividades em casa</i> | 43 |
| 5.3.3 <i>Preconceito e apoio às atividades de dança</i> | 45 |

| | |
|--|----|
| 5.4 Percepções dos estudantes com deficiência | 47 |
| 5.4.1 <i>Dança como prazer e sentido para vida</i> | 47 |
| 5.4.2 <i>Desenvolvimento pessoal, saúde e qualidade de vida</i> | 48 |
| 5.4.3 <i>Relações familiares e a dança</i> | 49 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| REFERÊNCIAS | 53 |
| APÊNDICES | 58 |
| Apêndice A – Roteiro da entrevista com os estudantes do projeto de dança da APAE..... | 58 |
| Apêndice B - Roteiro da entrevista com as famílias dos alunos do projeto de dança da APAE. | 59 |
| Apêndice C - Roteiro da entrevista com docentes da APAE pesquisada. | 60 |
| Apêndice D - Termo de Consentimento Livre E Esclarecido (TCLE). | 61 |
| Apêndice E - Termo de assentimento. | 63 |
| Apêndice F – Artigo para submissão em periódico científico conforme normas do PPGAS..... | 64 |
| ANEXO | 84 |
| Anexo 1 - Parecer de aprovação do comitê de ética em pesquisa. | 84 |

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como temática a dança no processo de inclusão social de PCD. Destaca-se que muito se tem discutido e avançado acerca da inclusão social desse grupo populacional, todavia percebe-se que ainda há um grande caminho para efetivação dos direitos garantidos e acesso a atividades inclusivas. Neste sentido, o presente trabalho traz novas evidências sobre a dança como uma ferramenta relevante neste processo.

As PCD, de acordo com a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência do Ministério da Saúde, são indivíduos que apresentam limitações físicas, mentais, intelectuais ou sensoriais, tanto de forma permanente quanto temporária, que podem impactar sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Essas limitações englobam uma ampla gama de condições, como deficiências físicas, visuais, auditivas, intelectuais, e transtornos do espectro autista, entre outras (BRASIL, 2010a).

Destaca-se que a política enfatiza a necessidade de respeitar a dignidade, os direitos humanos e a autonomia das PCD, visando à promoção da inclusão social, à garantia de acesso a serviços públicos, à igualdade de oportunidades e ao combate a qualquer forma de discriminação ou exclusão (BRASIL, 2010a).

Sabe-se que há diversas diferenças entre os seres humanos e que as PCD sempre estiveram presentes nos grupos populacionais, tendo diferentes abordagens. No passado, as pessoas que nasciam ou que apresentavam durante a sua vida uma deficiência física, auditiva, visual ou intelectual, eram vistas como castigadas por Deus. Neste sentido, ficavam restritas ao convívio familiar ou a instituições de confinamento (MOISES; STOCKMANN, 2020).

A supervalorização da capacidade física, sensorial e cognitiva ao longo da história resultou em consequências negativas para as PCD, que enfrentaram a eliminação, exclusão e diversas formas de segregação. Essas atitudes refletem preconceito, discriminação e a desvalorização de suas vidas, negando-lhes igualdade de oportunidades e participação plena na sociedade (MOISES; STOCKMANN, 2020).

Neste sentido, os conceitos e percepções sobre a deficiência transformaram-se ao longo do tempo, sendo que atualmente entende-se que há necessidade do envolvimento das PCD na vida comunitária, todavia isso depende de a sociedade assumir sua responsabilidade no processo de inclusão, visto que a deficiência é também uma construção social (PAIVA; BENDASSOLLI, 2017).

A inclusão social refere-se a um processo que visa garantir a participação plena e igualitária de todos os indivíduos na sociedade, independentemente de suas características,

origem, habilidades ou condições. Trata-se de criar condições para que todas as pessoas tenham acesso aos mesmos direitos, oportunidades e recursos, possibilitando sua integração e contribuição ativa em todas as esferas da vida social, como educação, trabalho, cultura, lazer, saúde e participação política (BRASIL, 2010b; MOISES; STOCKMANN, 2020).

A busca pela inclusão plena das PCD ainda demanda ações concretas. Apesar dos avanços e legislações, é necessário eliminar barreiras físicas e atitudinais, oferecer acesso a serviços e oportunidades de educação e emprego. Somente assim poderemos garantir a igualdade de direitos e oportunidades para todos e todas (ANDREANI; NUNES, 2015). Mantoan e Santos (2006), acredita que a inclusão só ocorrerá quando a sociedade parar de pensar que ela tem o direito de escolher quem serão os incluídos.

Assim, embora os documentos oficiais orientem para um processo de inclusão social para PCD, ainda é grande a dificuldade encontrada por parte dessas pessoas. Há muito preconceito e falta de conhecimento das capacidades e necessidades das PCD por parte da sociedade. Neste sentido, a dança como uma atividade que mescla arte e esporte, tem se mostrado como uma ferramenta relevante neste processo de inclusão (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013)

A dança oferece uma oportunidade única para aqueles que não se encaixam em outras modalidades do esporte adaptado. Nela, é possível desenvolver talentos individuais, proporcionando benefícios físicos, psicológicos e culturais. Assim, contribui para uma inclusão social mais ampla, através do palco da vida, a dança permite explorar o mundo do belo, do real e do imaginário. É uma forma poderosa de expressão que amplia horizontes, conecta pessoas e fortalece a inclusão social (BRAGA *et al.*, 2002).

Desta forma, pensando no processo de inclusão da PCD, além das salas de aulas tradicionais, identifica-se a dança como forma de interação, desenvolvimento e inclusão social. Ela é considerada uma linguagem que deve ser ensinada, aprendida e vivenciada, uma vez que contribui para o desenvolvimento de vertentes cognitivas, éticas e estéticas bem como auxilia na socialização e na expressão (GARIBA; FRANZONI, 2007).

Estudos de revisão sobre a temática, em especial com ênfase em portadores de síndrome de Down, confirmam os impactos positivos da dança nos aspectos motores, cognitivos e de interação/inclusão social (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013; PAIVA *et al.*, 2021). Todavia, destaca-se que as pesquisas desenvolvidas são em grande parte quantitativas e clínicas, e voltadas para avaliação direta dos corpos, movimentos e desenvolvimento psíquico das PCD, sendo escassos os trabalhos qualitativos que busquem compreender as percepções dos atores envolvidos no cotidiano desse grupo populacional.

Deste modo, a presente pesquisa se faz relevante para conhecer os aspectos amplos da inclusão social, seja no âmbito da escola, das famílias, das PCD e também dos espaços de intersecção entre esses atores. Além disso, no estado de Santa Catarina e na Serra Catarinense, apesar de existir um forte trabalho de dança com as PCD no contexto das APAE, não foram identificados estudos semelhantes a este, tornando o presente trabalho pioneiro.

1.1 Pergunta de pesquisa

Como a dança pode influenciar na inclusão social de pessoas com deficiência?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender as influências da dança no processo de inclusão social de pessoas com deficiência vinculadas a uma instituição de educação especial.

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer o perfil sociodemográfico dos professores, pais/responsáveis e estudantes com deficiência.
- Compreender as percepções dos professores sobre os impactos da dança no processo de inclusão social das pessoas com deficiência;
- Compreender as percepções dos pais/responsáveis sobre os impactos da dança no processo de inclusão social das pessoas com deficiência;
- Compreender as percepções dos estudantes com deficiência, participantes do grupo de dança, sobre os impactos da dança na sua inclusão social.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Dança no contexto da educação física

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), determina como componente curricular obrigatório, a educação física, e seu cumprimento é necessário dentro do âmbito escolar. Assim, a dança faz parte dos conteúdos a serem trabalhados nessa disciplina (BRASIL, 1996).

O desenvolvimento dos seres humanos, vêm acompanhados por diferentes movimentos, sendo a dança importante para poderem manifestar suas sensações e humores pelas expressões corporais. O movimento da dança é embalado pelas emoções e por meio desses movimentos pode-se liberar sentimentos reprimidos, medos e inseguranças (MOREIRA, 2009).

A dança se faz presente na vida dos seres humanos mesmo antes do nascimento, ainda no ventre materno. A música é um fenômeno corporal altamente envolvente. Desde os estágios pré-natais, no ventre materno, a criança já começa a se conectar com o mundo sonoro ao seu redor: vozes humanas, sons de objetos, sons da natureza, seres vivos e até mesmo o suave acalanto de sua mãe, entre outros (VERDERI, 2009).

Rebelo (2014, p. 37) afirma que as

“primeiras danças humanas eram individuais e referiam-se à conquista amorosa, segundo certos movimentos da antropologia. Já as danças coletivas também aparecem na origem da civilização e sua função estava ligada à adoração das forças superiores ou dos espíritos para alcançar vitórias em expedições guerreiras ou de caça ou ainda para solicitar bom tempo e chuva.”

A dança está presente a séculos na sociedade. É uma das mais antigas artes criadas pela humanidade, serve para manifestar todas as suas crenças, medos e desejos. Usada para celebrar diferentes acontecimentos que iam desde a celebração de um nascimento até um funeral, bem como para homenagens religiosas (MOREIRA, 2009).

Conforme Bregolato (2006), esses momentos eram repletos de emoções e expressões corporais, o corpo era pintado, esses momentos, com a dança, eram representados os sentimentos de felicidade, culpa e desgostos.

Conforme descrito por Tavares (2005, p. 93):

“o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver.”

Tem-se descrito, e ainda hoje praticado entre os indígenas brasileiros, que a dança está

presente em diferentes rituais de grande parte dos povos originários (BOGÊA, 2002). Destaca-se que a dança passa a ser pensada no contexto esportivo especificamente na Grécia, em que passa a ser parte das atividades dos jogos olímpicos (TAVARES, 2005).

No entanto, a prática e o reconhecimento da dança como parte do currículo da Educação Física ganharam mais ênfase e desenvolvimento somente a partir do século XX. Nesse período, surgiram abordagens pedagógicas que valorizavam a dança como uma forma de expressão corporal, promovendo sua inclusão nas aulas de Educação Física como uma atividade que envolve aspectos físicos, criativos e emocionais dos alunos (MARQUES, 1990).

Para Barreto (1998), a dança propicia o autoconhecimento, estimula vivências de corporeidade na escola, incentiva a expressividade. Para a autora, esses motivos, entre outros, já justificam a importância e a viabilização da dança na escola. A educação física nas escolas, ao introduzir a dança, exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança.

Sabe-se que a escola é um lugar privilegiado para o aprendizado, assim a inserção da dança neste contexto possibilita aprendê-la com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade. Entretanto, deve-se pensar na dança para além da noção superficial em que é sinônimo de festinhas de final de ano ou eventos comemorativos (MARQUES, 2007).

Isso porque ao desnaturalizar a dança somente como comemoração, pode-se explorar com os alunos o conhecimento a si próprio e com os outros, a exploração do mundo das emoções e da imaginação, bem como a criação e exploração de novos sentidos e movimentos livres (PEREIRA *et al.*, 2001).

Sendo assim, dança e educação física se completam, pois esta necessita de estratégias de conhecimento do corpo e a dança das bases teóricas e técnicas daquela (CLARO, 1988). Verderi (2009), afirma que a dança sendo um processo educacional, não pode se resumir à mera aquisição de habilidades, mas sim, auxiliar no desenvolvimento e potencialidade humana e melhorar a relação entre os sujeitos

Através do conteúdo da dança os estudantes podem conhecer as qualidades do movimento expressivo, como por exemplo: leve/pesado forte/fraco, rápido/lento, fluido/interrompido, intensidade, duração e direção.

Barreto (1998, p.175), afirma ser impossível conceituar dança sem dançar.

“Um conceito de dança que abarque o universo das imagens do movimento no pulsar que acelero, reduz e às vezes, cesso. O ato de dançar como o que revelo a essência dos medos, mistérios e riscos, transformando e representando o que não pode ser senão expressividade humana, dinâmica. Um conceito de dança que como a poesia, que não pode ser explicada, mas apenas sentida e interpretada.”

E continua,

“Assim, é possível dizer que dançar é tornar-se presença em momento e movimenta, refletindo imagens e criando formas. O corpo que dança é o próprio ato da expressão, e seu Tempo-espaco só pode ser o presente. Dançar é imaginar, fazer e acordar em outros interiores e exteriores seus próprios olhares e imaginações.” (BARRETO, 1998, p. 175).

Considerando o exposto até o momento, bem como essa limitação das palavras e conceitos para abordar a dança, a seguir aprofundaremos na apresentação dos principais tipos de dança.

3.1.1 Tipos de danças

Existem diferentes estilos de danças, entre eles, dança clássica, dança folclórica, dança contemporânea, dança de salão, danças atuais – dança de rua, dança na escola, entre outros.

A dança clássica, com origem no *Ballet* Clássico durante o Período Renascentista nos séculos XV e XVI, as famílias nobres da Itália recebiam seus convidados em festas que duravam semanas. Havia toda uma dramatização dos movimentos, verdadeiros espetáculos que divertiam a todos (LABAN, 1990).

A dança moderna, surge como uma ruptura dos padrões da dança clássica, produzindo movimentos da vida cotidiana do homem, contrapondo a dança clássica que era até então a maior expressão artística do movimento corporal do mundo. Émile Jaques-Dalcroze e François Delsarte foram os dois maiores precursores da dança moderna (LABAN, 1990).

A dança folclórica, em sua grande parte, tem origem anônima, sendo passadas através das gerações. Por meio desse tipo de dança, é retratada a cultura de um povo, suas crenças e valores. Assim, dançar danças de outras culturas ou regiões diferentes da sua, é de alguma maneira adentrar nessas culturas, podendo assim, enriquecer a própria cultura através desse contato e ampliar os conhecimentos sobre o mundo (FELÍCITAS, 1988).

O Brasil tem suas danças folclóricas inspiradas em diferentes origens. As de inspiração europeias, por exemplo, bumba meu boi, chula, forró. As de inspiração africanas como, baião, samba, maxixe, batuque entre outras. A ameríndia que são a caipó, caruru. E as de inspiração religiosa candomblé e umbanda (BREGOLATO, 2006).

As danças de salão são realizadas sempre por pares, dançadas em festas. Existem algumas academias que dão aulas para esse tipo de dança, ritmos que variam entre valsa, tango, bolero, danças gaúchas, entre outras (BREGOLATO, 2006).

As danças contemporâneas têm seu surgimento na década de 60, simultaneamente com a separação do desenvolvimento da *New Dance* na Inglaterra. Trata-se de uma coleção de

sistemas e métodos desenvolvidos da dança moderna e pós-moderna (BREGOLATO, 2006).

As danças atuais são danças relacionadas a ritmos novos. Alguns exemplos dessas danças são o Samba, Reggae, o Axé, *Funk Street Dance* também chamado de dança de rua. Em geral, elas são as preferidas pelos estudantes, assim recomenda-se que os professores de educação física devem ter esse conhecimento e iniciar os trabalhos relacionados à dança com esse estilo. Esse tipo de abordagem, vai motivar a participação dos estudantes e pode despertar o interesse por outros estilos de dança (BREGOLATO, 2006).

Por fim, temos a Dança Escolar, essa não faz exigência de preparo físico e corporal, flexibilidade, idade, pois ela visa trabalhar todos esses fatores. Deve respeitar as possibilidades e limites de cada um. Errar faz parte do processo, assim como acertar. O principal objetivo dessa dança é que a pessoa descubra as possibilidades que desconhece (FERREIRA, 2005).

Destaca-se que no contexto em que este trabalho foi realizado, dentre as danças acima elencadas, são desenvolvidas a dança de salão (tango) e dança de rua na perspectiva da dança escolar, mas também com enfoque competitivo.

3.2 Pessoas com deficiência: educação inclusiva, dança, qualidade de vida e inclusão social

3.2.1 As pessoas com deficiência e a educação especial

As PCD trazem consigo uma trajetória histórica marcada por rejeições, abandonos e maus tratos. Atualmente, apesar de muitos avanços na percepção social, bem como no aspecto legal, ainda persistem preconceitos.

As PCD, de acordo com a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência do Ministério da Saúde e Decreto nº 7.612/2011, são indivíduos que apresentam limitações físicas, mentais, intelectuais ou sensoriais, tanto de forma permanente quanto temporária, que podem impactar sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Essas limitações englobam uma ampla gama de condições, como deficiências físicas, visuais, auditivas, intelectuais, e transtornos do espectro autista, entre outras (BRASIL, 2010a; BRASIL, 2011).

Destaca-se que a política enfatiza a necessidade de respeitar a dignidade, os direitos humanos e a autonomia das PCD, visando à promoção da inclusão social, à garantia de acesso a serviços públicos, à igualdade de oportunidades e ao combate a qualquer forma de

discriminação ou exclusão (BRASIL, 2010a).

Nesse sentido, o acesso à educação é um fator determinante neste processo de inclusão social ampla. Nesta perspectiva da educação, Mazzotta (1996) destaca três atitudes sociais que marcaram a história da educação especial, considerando o tratamento dado às PCD, a marginalização, o assistencialismo e a reabilitação. Sendo que atualmente trabalha-se na lógica da reabilitação, que pressupõem a necessidade de inclusão social ampla.

A Política Nacional de Educação Especial que trata oficialmente os serviços públicos na área da Educação Especial, considera essa:

“um processo que visa a promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de deficiências, condutas típicas ou altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado. O processo deve ser integral, fluindo desde a estimulação essencial até os graus superiores de ensino. Sob esse enfoque sistêmico, a educação especial integra o sistema educacional vigente, identificando-se com sua finalidade, que é a de formar cidadãos conscientes e participativos.” (BRASIL, MEC/SEESP, 1994, p. 17).

Para Mazzotta (1996, p. 11) Educação Especial é:

“a modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens.”

Destaca-se que a inclusão na educação é um movimento novo muito debatido pelos diversos segmentos educacionais e sociais. Entretanto, garantir o exercício da cidadania para as PCD nada mais é que garantir um direito a eles previsto na Constituição Federal (1988) que traz em seu art. 5º que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (BRASIL, 1988).

Todavia, observando historicamente, havia uma ideia de que a deficiência causava por si só a incapacidade na pessoa, no entanto, atualmente, sabe-se que as barreiras sociais limitam, e mesmo impedem as PCD do exercício pleno de suas potencialidades (FERREIRA, 2014).

Em 1994 com a Declaração de Salamanca,² surge o conceito de educação inclusiva. Como princípio busca incluir a criança com necessidades educativas especiais em escolas de

²A Declaração de Salamanca é um documento que foi adotado em 1994 durante a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, na Espanha. Essa conferência foi organizada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em parceria com o governo espanhol e outras organizações internacionais. O Brasil é signatário desta declaração.

ensino regular. Assim, defende que nenhuma criança deve ser separada de outras crianças por apresentar alguma espécie de deficiência (BREITENBACH; HONNEF; COSTAS, 2016).

A inclusão é uma mudança que demanda reconstruir conceitos e reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas. Essas devem assumir que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas que estão interligadas em grande parte do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada (MANTOAN; SANTOS, 2006).

Assim, o termo educação inclusiva pensa a escola de modo a atender a diversidade das necessidades dos alunos. Por isso, na inclusão a escola se organiza de maneira a atender a todas as crianças, e não exige da criança com deficiência que se ajuste a escola (MANTOAN; SANTOS, 2006).

Mendonça (2015), defende a importância da interação entre todas as crianças, pois essa contribui para o desenvolvimento de todos. No entanto as escolas encontram muitas dificuldades em conseguirem integrar as crianças com dificuldades, pois existe a necessidade de criar condições adequadas para isso.

Complementando esse pensamento, Sasaki (1998, p. 8) afirma que a:

Educação inclusiva é o processo que ocorre em escolas de qualquer nível preparadas para propiciar um ensino de qualidade a todos os alunos independentemente de seus atributos pessoais, inteligências, estilos de aprendizagem e necessidades comuns ou especiais. A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de propiciar-lhe uma educação de qualidade. Na inclusão, as pessoas com deficiência estudam na escola que frequentariam se não fossem deficientes.

Para Mantoan e Santos (2006), na educação inclusiva, a inclusão não pressupõe práticas de ensino escolar especiais para as diferentes deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem, mas, os alunos aprendem conforme seus limites, e o professor deve considerar esses limites explorando as possibilidades de cada um.

No plano legal, podemos observar que a Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu Inciso III, do artigo 208, garante que “[...] o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Historicamente, em 2007, teve início a elaboração de um documento intitulado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o qual foi pensado e elaborado por um grupo de colaboradores, profissionais e pesquisadores da área da Educação, juntamente com membros da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação

(MEC). Esse documento traz no item IV, o objetivo da Educação Especial nas redes de ensino, onde previa que:

[...] tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p. 14).

Destaca-se que neste documento já se previa a necessidade de disponibilizar espaços especializados, para além das escolas, visando o desenvolvimento pleno das PCD.

Sendo assim, conforme Brasil (2008, p. 16),

“as atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.”

Deste modo, o Atendimento Educacional Especializado (AEE),

“disponibiliza programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, ajudas técnicas e tecnologia assistiva, dentre outros. Ao longo de todo processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum.” (BRASIL, 2008, p. 16).

Apesar de manter-se as bases teóricas e conceituais da AEE no ano de 2011 o Decreto nº 7.611/2011, revogou o Decreto nº 6.571/2008. Esse novo decreto determinou que o AEE terá o financiamento por meio do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Houve um comprometimento por parte do Governo Federal em prestar apoio técnico/financeiro aos Estados, Municípios e Distrito Federal, tendo como prioridade aumentar a oferta de AEE aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, matriculados no ensino regular em escolas públicas (BRASIL, 2011).

Esse decreto estabeleceu novas regras para o Atendimento Educacional Especializado (BRASIL, 2011), a saber:

O dever do Estado com a educação das pessoas público-alvo da educação especial será efetivado de acordo com as seguintes diretrizes:

I – Garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades;

- II – Aprendizado ao longo de toda a vida;
- III – não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência;
- IV – Garantia de ensino fundamental gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais;
- V – Oferta de apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;
- VI – Adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena;
- VII – oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino;
- e
- VIII – apoio técnico e financeiro pelo Poder Público às instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial.

Além disso, no Artigo 2º, refere que a Educação Especial precisa garantir um serviço especializado de apoio, deliberando da seguinte da seguinte forma:

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 1º Para fins deste Decreto, os serviços de que trata o caput serão denominados atendimento educacional especializado, compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, prestado das seguintes formas:

- I – Complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais; ou
- II – Suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação.

§ 2º O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas (BRASIL, 2011, n. p.).

Neste sentido, conforme este novo decreto o Estado deve prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular para as PCD, mas também os serviços especializados, mediante as necessidades individuais. Além disso, deve tornar a educação especial transversal no ensino regular, promover ações que diminuam as barreiras no processo de ensino e aprendizagem e garantir a continuidade dessas ações (BRASIL, 2011).

Dentre as possibilidades do processo ensino/aprendizagem/desenvolvimento, existem as ofertas e procuras para além das salas de aulas regulares. Nestes casos existem as escolas de ensino especial, centros especializados que atendem às diferentes deficiências e dificuldades de aprendizagem.

Temos como exemplos a Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APAS), a Associação de Amigos do Autista (AMA), a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), entre outras. Nesses espaços são ofertadas atividades para as PCD, inclusive as aulas

de dança, como um recurso para desenvolvimento dos estudantes.

3.2.2 Dança, qualidade de vida e inclusão social

Como vimos, a dança é uma prática que acompanha a humanidade ao longo da história e pode assumir diversos significados. Neste item, vamos aprofundar um aspecto bastante específico, denominado dança inclusiva. Conforme Claro (2012, p. 28), a dança inclusiva “é uma atividade corporal que pode ser considerada um recurso artístico-terapêutico auxiliar do bem-estar físico e mental, proporcionando a inclusão social de pessoas com deficiência”.

Sabe-se que a necessidade de se expressar corporalmente é natural do ser humano, e a dança é uma das formas utilizadas para apresentar as emoções e sentimentos (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008). A dança permite que as pessoas sintam orgulho pelo que seus corpos são capazes de fazer, possibilita um nível de superação, expressam e mostram como se sentem em relação ao mundo, ao invés de ficarem focados nas suas impossibilidades e limitações (FREITAS; CAETANO; TAVARES, s/a).

Para Silveira (1992), através da dança o ser humano responde ao mundo ao seu redor, buscando compreender seus fenômenos e, ao mesmo tempo, estabelece um contato com seu eu mais profundo. Os movimentos rítmicos possibilitam a criação e integração das representações que surgem em sonhos e imaginações.

No caso das PCD há também outras contribuições, sendo que a dança faz parte do esporte para esse grupo populacional. Em 1990 teve início a Dança Esportiva Cadeira de Rodas (DECR), sendo a modalidade restrita a esta condição, promovendo inclusão social por meio da prática esportiva (FERREIRA; FERREIRA, 2004).

Além disso, os estudos apontam que as PCD têm melhorias em relação à estabilidade emocional, desenvolvendo a iniciativa, prontidão, confiança, redução de agressividade, criação de movimentos próprios, melhorias na motricidade ampla e final, dentre outros (CLARO, 2012; LOPES; PAULA; ARAÚJO, 2021).

Além desses benefícios, há evidências que a dança auxilia na autoestima das PCD, bem como na relação entre os colegas (MAUERBERG-DECASTRO, 2005). Ao trabalhar a dança com as PCD deve-se enfatizar ainda mais seu caráter holístico, ou seja,

“não devem enfatizar suas atividades apenas a favor dos aspectos físicos e sociais que apenas nos remete a uma discussão já existente na sociedade no âmbito político, social e educacional da pessoa com deficiência. Esse profissional deve estabelecer um olhar mais abrangente, propondo estratégias que permitam novas possibilidades de movimento através da dança para seus

alunos. A experiência corporal é construída mediante vivências experiências no passado, presente e futuro, e não cessa enquanto houver vida, enquanto houver movimento.” (FREITAS; CAETANO; TAVARES, *s/a*, p. 5).

O que contribui para a utilização da dança com os PCD é justamente a não padronização dos corpos. Esse é um elemento distintivo da trajetória da dança contemporânea. Ao contrário do balé clássico e até mesmo da dança moderna, que valorizavam corpos longilíneos e alongados como ideais de beleza, a dança contemporânea, principalmente a partir da década de 60, passou a ser praticada por pessoas que não possuíam essas características e nem formação prévia em dança (SOUZA, 2013).

Trabalhar a dança com PCD é algo recente. Ainda não são todos os lugares que utilizam esse recurso como possibilidade para trabalhar com esse público. Assim, como a literatura sobre esse tema ainda é um pouco restrita, todavia os estudos existentes apontam para uma relação positiva entre dança e melhorias na saúde física e psíquica, qualidade de vida e possibilita uma maior inclusão social das PCD (CLARO, 2012; ROSSI; VAN MUNSTER, 2013; PAIVA *et al.*, 2021). Sendo o principal entrave o acesso desse grupo populacional a prática, bem como aspectos específicos de gosto e aptidão pela modalidade (LOPES; PAULA; ARAÚJO, 2021; ROSSI; VAN MUNSTER, 2013).

No que se refere à reabilitação, destaca-se a dança como atividade terapêutica. Essa prática, como vimos, pode contribuir para a melhoria de vida das PCD (MACHADO, 2010). Todavia, deve-se atentar para o respeito às individualidades na execução das atividades, conforme Rossi e Van Munster (2013, p. 185),

“Independentemente do contexto (educacional, de reabilitação, artístico ou esportivo) e da finalidade (pedagógica, terapêutica, performática ou competitiva) em que/como a dança será desenvolvida, os autores estudados apontam a importância da atenção à organização adequada do programa, respeitando sempre a individualidade de cada um.”

Por fim, considerando as evidências, percebe-se que a prática da dança por PCD foi associada com melhorias no desempenho de atividades diárias, como colocar roupas, fazer tarefas domésticas, entre outras. Isso se dá principalmente pelo uso dos movimentos, compreendidos em aula, que são utilizados nessas ocasiões e atividades (BRAGA *et al.*, 2002).

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que buscou compreender a percepção de professores, pais/responsáveis e estudantes com deficiência sobre as influências da dança na inclusão social de PCD. A abordagem de pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar os significados e a complexidade de fenômenos sociais, culturais e humanos. Ela se concentra na coleta, organização, sistematização e análise de dados descritivos e interpretativos (FLICK, 2013).

Deste modo, a pesquisa qualitativa exige uma imersão nas perspectivas, experiências, valores e significados atribuídos pelos participantes sobre um tema investigado, neste caso o impacto da dança na inclusão social de PCD. Assim, ela preocupa-se em capturar a subjetividade, a complexidade e os processos sociais, permitindo uma análise aprofundada e contextualizada dos dados, mas também passível de extrapolação para outros contextos (FLICK, 2013).

Os pesquisadores qualitativos devem adotar uma postura flexível, interativa e implicada durante o processo de pesquisa, permitindo que novas questões e *insights* surjam à medida que a coleta e análise de dados avançam. Ainda, a interpretação dos dados deve ser baseada em teorias ou quadros conceituais, e os resultados são apresentados junto a narrativas, citações e descrições ricas em detalhes (FLICK, 2013). Tal perspectiva e processo foi adotada ao longo desta pesquisa, sendo que as idas, vindas e aprofundamentos fizeram parte das construções do projeto, coletas, análises e montagem desta dissertação.

4.2 Local do estudo

A presente pesquisa foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da Associação de Municípios da Região Serrana (AMURES) localizada no município de Lages/SC. A APAE conta com várias atividades oferecidas às PCD, dentre elas o projeto de dança.

A APAE de Lages foi fundada em 25/06/65 e se constitui na entidade mantenedora da Escola de Excepcionais Raio de Sol, a qual iniciou suas atividades em 08/05/63. Tem como missão promover e articular ações de defesa de direitos, orientações, prestação de serviço e apoio a família, voltados para a melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência

intelectual ou múltipla com vista a construção de uma sociedade justa e solidária

A Entidade desenvolve Serviço em Assistência Social, Saúde e Educação tendo sua preponderância em Assistência Social. No ano de 2023, estão matriculados 324 estudantes (com idade de zero a sessenta e oito anos de idade). Sendo o enfoque principal o trabalho e formação para inclusão social e enfrentamento das discriminações que sofrem as PCD.

Para o desenvolvimento das atividades formativas a APAE/Lages conta com 01 diretora, 55 professores, 02 secretárias, 02 motoristas, 01 merendeiras, 01 auxiliar de merendeira, 05 auxiliares de serviços gerais, e uma equipe multidisciplinar formada por: 01 clínico geral, 01 psiquiatra, 01 dentista, 02 psicólogas, 01 assistente social, 04 fisioterapeutas, 03 terapeutas ocupacionais, 03 coordenadoras pedagógicas e 01 coordenadora do SUS.

A APAE é constituída por pais e amigos de alunos com deficiência intelectual e ou múltipla, contando para tanto com a colaboração e o apoio do Clube de Mães (CLUMÃE) que oferecem seus trabalhos voluntários, da sociedade em geral, do comércio, da indústria, dos profissionais liberais, Estagiários de Instituições Educacionais Privadas e Públicas, de investidores sociais, enfim, de todos quantos acreditam, apostam e lutam pela causa da pessoa com deficiência.

4.3 Participantes, critérios de inclusão e exclusão

Os participantes da pesquisa foram os professores da APAE/Lages, pais ou responsáveis e estudantes com deficiência, que participavam do grupo de dança da APAE/Lages e que aceitaram participar da pesquisa no mês de fevereiro de 2023. Ao todo foram entrevistados 6 professores, 6 pais/responsáveis e 6 estudantes.

Conforme recomendado na pesquisa qualitativa, a amostragem foi definida por conveniência e pela disponibilidade dos professores, pais ou responsáveis e estudantes. O encerramento das coletas se deu por meio da identificação da saturação dos dados nas entrevistas realizadas. Ao notar que as percepções dos entrevistados e processos sociais identificados estavam repetindo-se, em comum acordo com os orientadores, foram encerradas as coletas.

4.3.1 Critérios de inclusão e exclusão

Para a seleção dos participantes, foram definidos os critérios de inclusão e exclusão para cada grupo, conforme descrito a seguir:

- Docentes:
 - Critérios de inclusão: estar como docente efetivo da APAE/Lages; trabalhar diretamente com os estudantes que praticavam dança; e aceitar participar da pesquisa assinando o TCLE.
 - Critérios de exclusão: atuar menos de dois anos na APAE como docente; e não assinar o TCLE.
- Pais ou responsáveis:
 - Critérios de inclusão: possuir filho ou parente matriculado e frequentador da APAE/Lages que estivesse no grupo de dança; e ser pai, mãe ou responsável legítimo do estudante; e aceitar participar da pesquisa assinando o TCLE.
 - Critérios de exclusão: não possuir filhos ou parentes no grupo de dança; não ser responsável legal do estudante; e não assinar o TCLE.
- Estudantes:
 - Critérios de inclusão: ser maior de 18 anos; estar regularmente matriculado e frequentando a APAE/Lages; ser integrante do grupo de dança; ter assentimento dos pais ou responsáveis para participação na pesquisa; e aceitar participar da pesquisa assinando o TCLE.
 - Critérios de exclusão: não ter capacidade cognitiva para participar da entrevista; e não assinar o TCLE.

4.4 Procedimento de coleta e registro dos dados

Nesta pesquisa, para a coleta dos dados foram usados dois instrumentos: questionário sociodemográfico e entrevista individual semiestruturada. O primeiro foi aplicado com todos os participantes da pesquisa, antes da realização das entrevistas com duração média de 10 minutos. O instrumento foi adaptado para os diferentes grupos, conforme apresentado nos Apêndices A, B e C.

O segundo, tratou-se de roteiros semiestruturados adaptados para cada grupo, também disponíveis nos Apêndices A, B e C. As entrevistas foram realizadas em local reservado e adequado para facilitar a conversa com os interlocutores. As entrevistas tiveram em duração de 25 minutos em média e foram realizadas face a face. Foi utilizado gravador digital para registros dos áudios para posterior transcrição e análise.

Os participantes foram convidados a participar da pesquisa, foram explicados os objetivos, lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Apêndice D e/ou Termo

de Assentimento, Apêndice E, para assinatura, bem como foi explicado que a qualquer momento eles poderiam parar a entrevistas, bem como solicitar a retirada dos dados da pesquisa, sem quaisquer prejuízos.

4.5 Análise dos dados

Para análise dos dados foi utilizada Análise Temática, conforme apresentado por Braum, Clarke e Rance (2014), o qual compreende 6 fases, a saber:

- Fase 1 - Familiarização com os dados: foi realizada a organização dos arquivos das entrevistas, nomeação, transcrição e leitura exaustiva do conteúdo das entrevistas;
- Fase 2 - Gerando códigos iniciais: manualmente foi identificado nos arquivos das entrevistas e registrados os códigos iniciais relevantes para o enfoque da pesquisa, gerando uma lista de códigos;
- Fase 3 - Buscando temas: a partir da lista de código, passou-se a buscar semelhanças entre eles para agrupamento e formação dos temas abrangentes, gerando uma lista de temas;
- Fase 4 - Revisando os temas: a lista de temas foi revisada, buscando identificar temas que estivessem muito próximos para junção ou ainda temas desconectados dos objetivos da pesquisa, eliminando-os;
- Fase 5 - Definindo e nomeando os temas: a lista com os temas revisados foi retomada, com base nos conteúdos cada tema, dos três grupos, foi nomeado para posterior descrição.
- Fase 6 - Produzindo o relatório: nesta etapa final foram descritos os temas, bem como seus itens internos. Além disso, foram selecionadas e incluídas as falas representativas para cada um dos temas descritos.

A partir desta análise foram construídos 12 temas, 5 oriundos das percepções dos professores, 4 das percepções dos pais/responsáveis e 3 dos estudantes com deficiência. Por fim, os temas foram discutidos com referencial teórico e pesquisas disponíveis na literatura científica.

Os dados quantitativos coletados nos questionários socioeconômicos foram analisados por meio de estatística descritiva, em planilha de *Microsoft Excel*, sendo os valores apresentados em números absolutos devido ao tamanho da amostra.

4.6 Aspectos éticos

O projeto foi submetido à avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade do Planalto Catarinense (CEP/UNIPLAC) com o CAAE nº 65910722.0.0000.5368 e aprovado conforme parecer nº5.833.488, disponível no Anexo 1. Destaca-se que a pesquisa seguiu os pressupostos previstos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016.

Foi realizada a leitura do TCLE e/ou Termo de Assentimento para os pais/responsáveis dos estudantes e professores, explicando sobre a pesquisa, confidencialidade dos dados e possibilidade de retirar-se da pesquisa. Nos casos de aceite, procedeu-se à assinatura do termo em duas vias, sendo uma entregue para os participantes e outra arquivada pelo pesquisador.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos a partir da pesquisa de campo. Conforme a ordem dos objetivos específicos do trabalho, optou-se por apresentar inicialmente o perfil sociodemográfico dos participantes, seguido de três subitens em que são abordados os temas relacionados às percepções dos professores, pais/responsáveis e estudantes sobre as implicações da dança na inclusão social de pessoas com deficiência.

5.1 Perfil sociodemográfico dos professores, pais/responsáveis e estudantes com deficiência

Ao todo foram entrevistadas 18 pessoas, sendo seis professores, seis pais/responsáveis e seis estudantes com deficiência integrantes do grupo de dança da instituição de educação especial. Devido a quantidade de participantes por grupo, os dados sociodemográficos serão apresentados em números absolutos, seguido da proporção entre parênteses.

Entre os professores, cinco eram do gênero feminino e um do gênero masculino, sendo que todos eram oriundos do município de Lages/SC e professavam a religião católica. A média de idade foi de 47,2 anos, variando de 38 a 54 anos, em relação ao estado civil, cinco eram casados e um viúvo. Quanto à escolaridade, um tinha mestrado concluído, dois graduação concluída e três especialização concluída. Sobre a renda familiar, quatro afirmaram receber mais de quatro salários-mínimos, um de três a quatro salários-mínimos e um mais de um salário mínimo.

Entre os pais/familiares, todos eram do gênero feminino, oriundos do município de Lages/SC, sendo que quatro professavam a religião evangélica e dois a religião católica. A média de idade foi de 39,5 anos, variando de 23 a 54 anos, em relação ao estado civil, cinco eram solteiros e um tinha união estável. Quanto à escolaridade, dois tinham ensino superior completo e quatro ensino fundamental I incompleto. Sobre a renda familiar, três afirmaram receber de um a dois salários-mínimos, dois até um salário-mínimo e um de três a quatro salários-mínimos.

Dos seis estudantes, quatro eram do gênero feminino e dois do gênero masculino, sendo que todos eram oriundos do município de Lages/SC e professavam a religião católica. A média de idade foi de 33,2 anos, variando de 24 a 37 anos, e todos eram solteiros. Quanto à escolaridade, três tinham fundamental I incompleto, dois fundamental II incompleto e um fundamental II completo. Sobre a renda familiar, cinco afirmaram receber até um salário-

mínimo e um de um a dois salários-mínimos.

5.2 Percepções dos professores

Os professores são todos integrantes da instituição de educação especial. Assim, acompanham as PCD nas diversas atividades que realizam do cotidiano. Por conhecerem profundamente seus alunos e terem compreensão técnica sobre o fenômeno da deficiência, as entrevistas foram bastante detalhadas e possibilitaram uma análise adequada. A partir das análises, obteve-se 5 temas, a saber: Desenvolvimento cognitivo, psicomotor e nas atividades cotidianas; Desenvolvimento da socialização, coletividade e pertencimento a grupo; Prazer, superação e aumento da autoestima; Desenvolvimento de habilidades de comunicação em público; e Inclusão em uma perspectiva ampla. A seguir serão descritas e discutidas cada uma delas.

5.2.1 *Desenvolvimento cognitivo, psicomotor e nas atividades cotidianas*

A partir da inserção nas atividades de dança, os professores identificaram que as PCD que praticavam a dança apresentavam melhoras cognitivas, tais como o aumento no tempo de concentração nas atividades em sala, a expressão das necessidades e a interação com os colegas e professores.

“Eles também já sabem que ter preparo antes, que é o alongamento, está em concentração. Então ele desenvolve essa atenção, essa concentração...”
(Professor 3)

Alguns alunos melhoram bastante a concentração, né, que exige concentração quando trabalha em grupos na sala... trabalha ritmo também... (Professor 4)

“Eles evoluíram bastante, principalmente em questão de coordenação, de equilíbrio, de concentração, de raciocínio... assim de eles despertarem de dar sugestões no que eles estão fazendo em sala.” (Professor 6)

Em estudo de revisão de literatura, que analisou 35 teses e dissertações que investigaram a dança e as PCD, Rossi e Van Munster (2013), identificaram efeitos positivos da dança, sendo os principais a melhoria no comportamento, aspectos cognitivos e interativos das PCD. Em outra revisão, com enfoque nas pessoas com síndrome de Down, Paiva *et al.* (2021), também corroboram com os achados da presente pesquisa, sendo que dos 11 artigos analisados 2 investigaram a relação entre a dança e os aspectos cognitivos, identificando associação positiva.

Outro aspecto recorrente nas falas dos professores foi o desenvolvimento físico e motor proporcionado pela dança. As PCD acompanhadas pelos professores apresentaram evolução na motricidade ampla e fina, mobilidade e marcha realizando melhor as atividades do cotidiano. Além disso, tais melhorias impactam na possibilidade de melhor inserção no mercado de trabalho.

“Eu acho que é bem importante a dança em si é uma expressão cultural... e temos que lembrar que como ser humano a nossa primeira comunicação é pela expressão do nosso corpo e a gente tem que valorizar isso. Quando eles fazem a dança tem todo um preparo de saber os passos, seguir a sequência, ter ritmo, ter a coordenação motora ampla e fina... no dia a dia deles isso é bem importante, pois eles conseguem transferir os conhecimentos que eles têm ali na dança para os outros momentos.” (Professor 1)

“Alguns que apresentam dificuldade de marcha tem uma melhora significativa na atividade em sala... dificuldade de concentração também... no andar, no caminhar deles, né, a locomoção, porque através da dança eles vão ter que desenvolver passos específicos... então aí eles puxam essas habilidades.” (Professor 2)

“Até no processo de marcha né, porque eles desenvolvem lá os movimentos de dança ajudam bastante no equilíbrio, nas habilidades com jogos” (Professor 2)

“Sim, sim... eles evoluíram bastante principalmente questão de coordenação e de equilíbrio, de raciocínio... como a questão da independência que ajuda muito, pois estão sendo direcionados para o mercado de trabalho. Isso ajuda.” (Professor 4)

Sabe-se que a dança, devido a movimentação para execução dos passos e coreografias, exige o desenvolvimento da consciência corporal dos seus praticantes. Estudo realizado com PCD no Rio Grande do Sul, para verificar as modificações nos padrões de desenvolvimento motor mediante prática da dança, concluiu que houve ganho significativo no desenvolvimento motor entre as pessoas que participaram do programa de dança (BRAGA *et al.*, 2002).

Por outro lado, Chen *et al.* (2019) ao comparar pessoas com síndrome de Down e pessoas sem essa condição durante a execução de dança, identificaram que as PCD apresentaram um balanço corporal significativamente maior em comparação com os outros. Além disso, foram mais ativos em resposta à música e não foi observado déficit de sincronização motora.

Ainda em relação a motricidade, dança e a inserção social, como no mercado de trabalho, Santos, Gutierrez e Roble (2019), apontam que o corpo com deficiência, ao ocupar espaços que antes eram dominados pelo corpo ideal, provoca um diálogo e confronto nos espectadores com suas próprias histórias, valores e preconceitos. Essa interação leva a reflexões

sobre a história desse corpo e sua aceitação. Assim, a dança desempenha um papel transformador tanto a nível pessoal (do corpo) quanto social.

Esses desenvolvimentos foram relacionados com a melhoria na percepção da qualidade de vida e saúde das pessoas com deficiência. Isso porque ao se engajar na dança, experimentam benefícios em termos físicos como fortalecimento muscular, melhora da flexibilidade, equilíbrio e coordenação motora. Em pequenos avanços como “erguer uma mão” (Professor 3) eles se percebem como aptos para realizar as atividades diárias, tem redução de dores, desconfortos e aumento da resistência física.

“A gente vê esse desenvolvimento motor dele, que pode ser lento... que pra muitos por ser pouco, mas que pra ele é importante. Erguer uma mão, pra uma pessoa que tinha dificuldades é a possibilidade de fazer tarefas antes impossíveis.” (Professor 3)

Além da dança ser uma atividade física, né, que traz benefícios para a saúde deles... tem menos dores e também mais resistência nas atividades... isso ajuda nas atividades na APAE e foram dela também (Professor 4)

Corroborando com os achados desta pesquisa, Montezuma *et al.* (2011), afirma que a participação em aulas de dança por pessoas com deficiência auditiva contribuiu para o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio e da flexibilidade. Em outro estudo, a dança como terapia mostrou-se eficaz na melhoria da mobilidade articular e funcionalidade em indivíduos com transtornos neuromotores. Os resultados indicaram comprometimento na qualidade de vida nesses indivíduos, porém a dançaterapia melhorou significativamente os domínios de capacidade funcional, estado geral de saúde, aspectos sociais e limitações emocionais (MACHADO, 2010).

Acerca da melhoria nas atividades do dia a dia, em ensaio clínico controlado com PCD que praticavam dançaterapia, identificou relação entre a prática da dança e as melhoras na realização de atividades do cotidiano. Os participantes que receberam sessões de dançaterapia relataram melhorias na realização das atividades diárias, devido à melhoria da mobilidade, autonomia e desempenho funcional (TEIXEIRA-MACHADO; DESANTANA, 2013). Destaca-se que este estudo avaliou somente pessoas com deficiência física.

5.2.2 Desenvolvimento da socialização, coletividade e pertencimento a grupo

Foi observado pelos professores que às PCD inseridas no grupo de dança, ao longo do tempo, passaram a apresentar melhoras na socialização, tanto com os colegas da dança quanto com os demais. Além disso, devido à característica coletiva do grupo de dança, houve a

identificação de que as PCD desenvolveram sentimento de pertencimento ao grupo, bem como habilidades para lidar e trabalhar com mais pessoas, o que em geral é uma dificuldade neste público.

“Eles desenvolvem também a socialização porque ele participa de um grupo e ali ele sabe que os outros também dependem dele para que tudo dê certo. Eles amadurecem bastante e se sentem parte de alguma coisa, responsável também, a conversação.” (Professor 2)

“Em sala de aula eles também... começa a fazer parte de outros grupos. Aí eles começam a ver que ele faz parte do grupo e que o grupo depende de todos para que tudo ande com facilidade.” (Professor 2).

“Eles demonstram muito isso, né... eles falam, os que não conseguem falar se expressam mostrando a dança, fazendo os passos que eles já aprenderam e também eles desenvolvem essa questão de estarem em grupo. Que é bem importante para eles... que é o pertencimento a um grupo.” (Professor 3)

Eles se sentem mais motivados... e sentem a responsabilidade de fazerem parte de um grupo... o grupo um depende do outro para funcionar.” (Professor 5)

As práticas de dança, principalmente as coletivas, permitem uma integração entre as pessoas que a praticam. Deste modo, há necessidade e treinamento da interação social nesta prática (SILVEIRA, 1992). No que tange às PCD, percebe-se que alguns estudos apontam para esse efeito socializante da dança, especialmente entre os colegas pertencentes ao grupo (LOPES; PAULA; ARAÚJO, 2021).

Reinders, Bryden e Fletchern (2015), em pesquisa que explorou a experiência vivida por um jovem de 21 anos com síndrome de Down enquanto participava de uma aula de dança comunitária, identificaram que a dança teve benefícios sociais, físicos e psicológicos. Especificamente, a aula de dança proporcionou a oportunidade de expandir o círculo social, envolver-se cognitivamente e se tornar fisicamente ativo. Os autores sugerem que a dança pode ter benefícios significativos para as PCD, proporcionando oportunidades de inclusão social, estimulação cognitiva e atividade física.

Esse pertencimento a um grupo foi identificado pelos professores como um motivador para a realização das atividades em sala de aula, principalmente em trabalhos que necessitam da interação e colaboração para serem executados. Nestes casos, além da atuação conjunta foram destacadas as práticas de solidariedade e amizades que passaram a acontecer entre as PCD envolvidas na dança, qualificado a coesão social deles enquanto grupo.

“Eles acabam passando pra gente e no trabalho em grupo na sala a gente percebe que eles tem mais cumplicidade.” (Professor 5)

Eles conversam bastante até inclusive eles ficam comentando entre eles e se comparando com os colegas... a ‘ele não conseguiu fazer isso, então venha cá

que eu vou te ajudar’. Na minha turma já aconteceu de eles pedirem licença, levantarem da cadeira e ajudar o colega com dificuldade. Com jeitinho deles eles conseguem ajudar o colega que não ta conseguindo” (Professor 6)

A socialização entre alunos e sociedade e entre eles também né... pega a atividade do tango que é em dupla... gera o contato com a outra pessoa. Às vezes não gosta ou não conhece e acabam se aproximando e virando grandes amigos.” (Professor 4)

Conforme Meller *et al.* (2020), participar de um grupo de dança oferece uma oportunidade inclusiva para interagir e integrar um ambiente de criação. É um processo educativo comprometido com a vida e a sociedade, promovendo o crescimento pessoal, a produção e a socialização de conhecimentos. Busca-se promover aprendizados que promovam conexão e respeito aos ambientes vitais, visando ao desenvolvimento do exercício da cidadania.

Neste sentido, ao participar destas atividades as PCD experienciam tais conexões, fazendo com que consigam avançar em aspectos de socialização que tinham dificuldade para desenvolver (PAIVA *et al.*, 2021). Embora os estudos analisados na revisão citada anteriormente tenham identificado a socialização como um fator relevante, o achado sobre a interação e melhoria nas atividades em sala na instituição parece ser pioneiro. Ainda, Silva (2011), em pesquisa realizada em Portugal sobre dança inclusiva, identificou laços de solidariedade entre participantes do grupo corroborando com nossos resultados.

5.2.3 Prazer, superação e aumento da autoestima

A dança, enquanto uma atividade artística e esportiva, foi identificada pelos professores como uma potente ferramenta para proporcionar satisfação e prazer para as PCD. A prática da atividade, compreensão e execução dos passos gerou desafios que quando superados eram motivos de orgulho e satisfação pessoal. Assim, os professores percebem os momentos da dança como um espaço em que as PCD frequentam de forma voluntária, interessada e motivada.

A participação nas atividades da dança, bem como a satisfação de executar os passos, em especial quando em apresentações externas à instituição, foi apontado pelos professores como um aspecto de fortalecimento e aumento da autoestima das PCD. Ao realizar essas apresentações em eventos de “pessoas ditas normais” (Professor 6) ganham visibilidade e são aplaudidos por suas conquistas, contribuindo para a autoconfiança e o amor-próprio, permitindo-lhes explorar seu potencial criativo e reconhecer seus potenciais.

“Os alunos quando estão inseridos dentro desses trabalhos (**dança**), eles ficam bem positivos e felizes. Eles querem aprender e fazer cada vez mais bonito.” (Professor 1)

“E o orgulho que eles sentem após cada apresentação, a vibração que eles têm. Isso é muito importante pra vida deles.” (Professor 2)

Eles ficam mais alegres, eles demonstram isso... quando eles estão fora, que é o momento deles estarem fora do ambiente da APEA... as pessoas tem essa coisa da superação de não conhecer a pessoa com deficiência e quando eles se conhecem os alunos, ficam surpresos com o que eles fazem... e os alunos reconhecem seus potenciais.” (Professor 3)

“Eu acredito que o crescimento deles como pessoa, porque eles são muito rotulados na sociedade... como coitadinhos e eles não são. A dança ajudou muito eles a romper com isso e ver que eles podem fazer tudo que uma pessoa dita normal faz, que podem conversar, se socializar, se apresentar, competir...” (Professor 6)

O movimento da dança é embalado pelas emoções e por meio desses movimentos pode-se liberar sentimentos reprimidos, medos e inseguranças (MOREIRA, 2009). Conforme Bregolato (2006), as danças historicamente são repletas de expressões corporais, com pintura do corpo, uso de roupas especiais, nestes esses momentos eram representados e expressados os sentimentos de felicidade.

A dança proporciona uma experiência de prazer para PCD, conforme identificado em estudo com cadeirantes dançarinos (FERREIRA; FERREIRA, 2004). Ela permite-lhes expressar-se e explorar o movimento de maneiras significativas. Independentemente das limitações físicas ou sensoriais, a dança oferece uma plataforma inclusiva onde as pessoas com deficiência podem se conectar com seu corpo, expressar emoções e desfrutar da liberdade do movimento. O prazer encontrado na dança vai além das habilidades técnicas ou da performance, é uma manifestação de autenticidade e uma forma de comunicação que transcende as barreiras da deficiência (SANTOS, 2018).

Além disso, a ocupação de espaços que antes não eram possíveis para as PCD, bem como o reconhecimento pelas suas atividades, identificado na literatura como um fator que colabora para o aumento da autoestima delas (VIRIATO *et al.*, 2014). Corroborando assim com os resultados identificados neste estudo.

5.2.4 Desenvolvimento de habilidades de comunicação em público

Devido a exposição proporcionada pela dança, nos ensaios, apresentações e competições, as PCD inseridas na dança passaram a naturalizar a exposição ao público. Neste sentido, os professores apontam que é notável a diminuição da vergonha de realizar atividades que envolvam apresentação para o público, interno ou externo. Isso foi relacionado com o desenvolvimento de habilidades como a comunicação e expressão corporal, trabalhadas na

dança.

Além disso, foi enfatizado que com essa desinibição as PCD desenvolvem maior segurança para expressar suas opiniões, apresentar sua personalidade e também liderar os demais em atividades do cotidiano.

“A gente vê esse crescimento, eles tinham vergonha de ficar perante o público, ou até mesmo aqui no espaço... agora não, já conseguem se apresentar fora da APAE, dentro da APAE e ficam muito empolgados quando tem essas atividades.” (Professor 1)

As saídas, as apresentações desinibem, né? No começo eles chegavam ‘ah fiquei com vergonha prof, eu não queria ir’, mas com o tempo e incentivo eles vão desenvolvendo essa questão de vergonha... até na sala de aula, vai apresentar alguma coisinha, já vai primeiro, já pede pra ir primeiro.” (Professor 2)

“A habilidade social é uma das que eles têm mais dificuldades, então a gente vê como eles conseguem se expor, se expressam melhor e se sentem valorizados.” (Professor 5)

“A questão de estar junto com o grupo e de ser líder... normalmente eles são companheiros, mas na dança eles desenvolvem liderança, esse bem-estar, essa autoestima de cada um.” (Professor 3)

A prática da dança contribui para desinibição de forma geral, sendo que ao fazer a prática coletivamente as pessoas ficam expostas ao olhar dos outros, e com o tempo naturalizam esta situação. Além disso, em apresentações artísticas ou prática em competição de dança esses limites são também exercitados (TOLOCKA; VERLENGIA; 2006).

Estudo qualitativo realizado no Rio Grande do Norte, adaptando a dança de salão para uma aluna com Síndrome de Down para proporcionar segurança e autonomia ao participar das aulas e, posteriormente, de um espetáculo de dança, identificou que ao passar pelo processo de treinamento houve mudança positiva, com desinibição e melhor expressão frente ao público (PINHEIRO, 2020).

Essas melhorias são apresentadas pelos professores como importantes contribuições, visto que as PCD acompanhadas na instituição são direcionadas para o mercado de trabalho. Sendo assim, essas habilidades de se portar em público e perder a vergonha são exercidas em outras aulas para realização das entrevistas de emprego e exercício das atividades laborais.

“A gente faz muita atividade, muita dinâmica com entrevistas, pois como eles são alunos que vão pro mercado de trabalho, eles precisam tirar essa inibição que eles têm. Então, a gente pede pra que eles cheguem na frente, se apresentem... é importante eles terem essa desenvoltura e desinibição que a dança proporcionou.” (Professor 5)

“Inclusive eu tinha alguns alunos que eram muito tímidos, que tinham vergonha de participar de algumas atividades dentro da sala, de dizer eu não sei, ou eu sei... E a dança ajudou eles nisso, eles perceberam que são capazes,

que conseguem dentro dos limites deles, inclusive se inserirem em outros espaço para o trabalho (Professor 6)

A desinibição auxiliar na inclusão de PCD no mercado de trabalho traz possibilidades de diversidade, valorização das habilidades, bem como o cumprimento de legislações inclusivas. No entanto, ainda existem desafios como estereótipos, barreiras físicas, falta de capacitação e conscientização, além de desigualdade de oportunidades. Para promover a inclusão, é necessário um esforço conjunto para criar um ambiente de trabalho inclusivo, oferecer suporte adequado e combater preconceitos, valorizando as habilidades individuais e proporcionando oportunidades iguais (GARCIA, 2014).

Estudo acerca da percepção das PCD sobre sua inserção no mercado de trabalho, desenvolvido por Lima *et al.* (2013), não identificou a desinibição como uma preocupação delas. Nas produções discursivas analisadas, foi observada a importância central do trabalho na vida das pessoas, sendo visto como uma questão de sobrevivência para alguns e de inserção social para outros. As experiências no trabalho estão relacionadas ao sentimento de habilidade e utilidade para a sociedade. Os padrões encontrados nos discursos indicam que o trabalho tem um significado essencial para o exercício pleno da cidadania das PCD.

5.2.5 Inclusão em uma perspectiva ampla

Apesar dos outros aspectos trabalhados até o momento tratarem de temas relacionados a uma mais inclusão social, visto que perpassam por aspectos de desenvolvimento pessoal das PCD, notou-se que os professores apontaram os eventos externos de dança como principal momento de inclusão social ampla.

O acesso e a ocupação dos diferentes espaços da sociedade, em eventos, competições e outras atividades fora da instituição, faz com que não fiquem limitados as atividades e vivências das escolas especiais. Ou seja, passam a interagir com pessoas que não apresentam deficiência em seu cotidiano, não limitando-se às interações com os professores. Assim, incluem-se na sociedade por meio da visibilidade e reconhecimento de suas capacidades nas apresentações e pelas experiências e relações com diferentes contextos.

“De ser mais visto... temos uma inclusão social hoje que só pensa na escola como inclusão social, mas nós temos que pensar que a inclusão social através da dança que nós temos aqui leva nossos alunos pra fora! O tango é um exemplo, que deixa todo mundo emocionado porque? Quem é de nós que sabe dançar tango? Então, quando eles vão lá e fazem, mostram que superam os desafios.” (Professor 1)

“Tem isso também... de eles estarem fora da APAE... é que as pessoas tem muito essa coisa de não conhecer as pessoas com deficiência, ou estão acostumadas a verem elas como coitadinhas. Daí elas vão lá se apresentam e mudam a percepção das pessoas.” (Professor 3)

“Alguns professores também comentaram que os alunos melhoram na socialização... a questão de sair de dentro do espaço da escola e de se apresentar em um lugar que tem uma multidão maior, pessoas estranhas... eles se soltaram de uma forma que foi muito importante em todas as áreas.” (Professor 6)

“Eles falam muito dessa questão de estar presente e visíveis (**por meio da participação nos eventos de dança**) em uma sociedade que frequentemente os deixam invisíveis” (Professor 3)

“Conseguem nas aberturas de eventos fazer apresentações com qualidade, demonstrando sua capacidade e importância na sociedade.” (Professor 4)

A inclusão social refere-se a um processo que visa garantir a participação plena e igualitária de todos os indivíduos na sociedade, independentemente de suas características, origem, habilidades ou condições (MOISES; STOCKMANN, 2020). Para isso, deve-se criar condições para que todas as pessoas tenham acesso aos mesmos direitos, oportunidades e recursos, possibilitando sua integração e contribuição ativa em todas as esferas da vida social, como educação, trabalho, cultura, lazer, saúde e participação política (BRASIL, 2010).

No caso das PCD, quando se aborda a perspectiva ampla da inclusão social, trata-se de não limitar o acesso delas a recursos e serviços em locais especializados e isolados, mas sim incorporá-las nos diferentes espaços da sociedade, como se faz no contexto escolar e no acesso ao emprego e renda (BRASIL, 2011; LIMA *et al.*, 2013).

Neste sentido, as apresentações de dança, bem como a participação em competições é identificado como uma adjuvante neste processo inclusivo, visto que permite a ocupação de espaços antes limitados às PCD (BRAGA *et al.*, 2002).

Além disso, os professores relataram que a dança possibilita a inclusão das PCD em atividades culturais e esportivas que, caso não tivessem acesso pela instituição, não teriam condições econômicas para realizar a prática. Além disso, a dança é abordada como uma atividade inclusiva no contexto interno das pessoas com PCD, visto que muitas que não tinham aptidão ou interesse por outras modalidades encontraram na dança um local de pertencimento e desenvolvimento.

“Envolve várias qualidades físicas dos alunos... e como eles fazem dança duas vezes por semana, mas as outras atividades físicas, pra vida deles é sensacional, porque a maioria dos nossos alunos não têm condições de frequentar uma academia. Então todo acesso a esse tipo de atividade esportiva e cultural se dá aqui.” (Professor 4)

“E assim, eles adoram isso... cara eu te falo, tem alguns alunos ali que vem só pra dança, não gostam de outros esportes, então vem só pra dança... se o professor falta um dia eles vêm cobrar da gente.” (Professor 4)

Sabe-se que por conta da discriminação social e insipiência de programas de formação e inclusão no mercado de trabalho, bem como a necessidade dos pais ou responsáveis dedicarem-se ao cuidado das PCD, às famílias tem maiores chances de ter renda baixa. Isso foi identificado nos dados sociodemográficos desta pesquisa. Sendo assim, percebe-se que a garantia do acesso gratuito às atividades de educação e saúde, incluído neste contexto a dança, são garantidos por lei e devem ser efetivados (BRASIL, 2011).

Em estudo sobre o perfil sociodemográfico e de saúde de PCD em bairro de Salvador na Bahia, Souza e Pimentel (2012) observaram que a maioria da população analisada apresentava uma renda média entre meio e três salários-mínimos, baixa escolaridade e enfrentava dificuldades no acesso aos serviços de saúde no bairro e na cidade. Esses dados destacam uma população que vive em um contexto complexo de exclusão e privação coletiva, ressaltando a importância de compreender os processos sociais para melhorar a assistência prestada a essas comunidades.

Ainda tratando-se dessa questão percebeu-se o agravamento da situação de renda das famílias de PCD no período da pandemia de COVID-19. Sendo que associado a isso, muitas pessoas tiveram seu acesso aos serviços interrompidos, destacando a importância das políticas públicas para acesso às atividades de formação, ensino e inclusão, como é o caso da dança na APAE (ORLANDO; ALVES; MELLETTI, 2021).

5.3 Percepções dos pais/responsáveis

Os pais e responsáveis são familiares das PCD que os acompanham nas atividades na instituição de educação especial. Alguns, por questões socioeconômicas e culturais, tinham vergonha e dificuldade de elaborar suas respostas. Entretanto, foi considerado esse aspecto na condução das entrevistas, resultando em um produto com falas passíveis de serem analisadas. A partir disso, obteve-se 4 temas, a saber: Prazer e sentimento de alegria relacionada a prática da dança; Desenvolvimento das PCD e realização de atividades em casa; Preconceito e apoio às atividades de dança; e Dança como ferramenta de inclusão social. A seguir serão descritas e discutidas cada uma delas.

5.3.1 Prazer e sentimento de alegria relacionada a prática da dança

Nas falas dos pais/responsáveis foi possível identificar que a prática da dança traz imenso prazer e um sentimento de alegria para as PCD. Ao se envolverem na dança, eles descobrem uma forma de expressão que lhes permite se conectar com suas emoções de maneira única, sendo visível no cotidiano das famílias.

Entretanto, destaca-se que apesar das atividades do dia a dia serem prazerosas, os pais/responsáveis relatam que nos momentos de competição ou de apresentações para o público muitos apresentam sensação de ansiedade pré atividade e de prazer e alegria após os eventos. Assim, nessas experiências eles apresentam uma satisfação profunda e senso de realização pessoal.

“Ela gosta muito, ela fica feliz, né!? Ela gosta de dançar e é uma coisa boa pra ela também... Quando tá dançando ela fica bem alegre... até ela disse pro pai ‘é tão bom a gente dança, eu gosto de ir pro colégio’... quando ela não vem fica bem triste.” (Pais/Responsáveis 2)

“A gente consegue analisar essas diferenças, o meu irmão fica muito feliz de vir pra APAE realizar as atividades escolares, né!? Inclusive a dança ele relata muito... teve algumas competições que ele participou, também teve uma dança que ele fez no início do ano. Ele comentava direto em casa, mostrava os passos..., mas ficava muito nervoso antes de acontecer. Depois, quando superou aquilo era só alegria, ficou realizado.” (Pais/Responsáveis 5)

Percebe-se que este tema, foi identificado também entre os professores, em que se deu ênfase para os efeitos da dança, tais quais mobilização de emoções, movimentos, medos e inseguranças (MOREIRA, 2009). Sabe-se que a dança para as PCD auxilia na redução do estresse, melhora autoconfiança, autenticidade (SANTOS, 2018). Entretanto, não se fala na literatura do processo para chegar nestes resultados, que envolve momentos de medo e ansiedade, conforme os relatos.

Pinheiro (2020), que acompanhou uma pessoa com síndrome de Down num programa de treinamento para uma apresentação, aborda de forma profunda algumas idas e vindas em seu trabalho, tais como medo de não conseguir realizar a atividade, dificuldade de manter a constância nos treinos, ansiedade, entre outros. Isto é relevante, visto que os estudos em geral apresentam os aspectos positivos da relação dança e saúde mental, todavia não enfatizam esses processos que acontecem com as PCD nestas atividades, comuns a qualquer atleta.

5.3.2 Desenvolvimento das PCD e realização de atividades em casa

Na convivência cotidiana os pais/responsáveis relatam que as PCD inseridas na dança

apresentam desenvolvimento de aspectos psicomotores e de socialização, tais como: melhoria na concentração, controle da ansiedade, controle das emoções e do humor, movimentos e atividades, bem como melhora na interação com outras pessoas no ambiente familiar.

“Eu vejo que eles conseguem ser mais calmos, principalmente a minha filha que é bem ansiosa... então a dança ajuda bastante na ansiedade dela. Ela consegue se concentrar mais, ficar mais calma.” (Pais/Responsáveis 1)

“Pra quem não sabia dançar, ela está de parabéns. Tinha dias em casas que a gente falava com ela, e tava muito brava... agora com a dança melhorou bastante.” (Pais/Responsáveis 2)

“Ela teve muito envolvimento ali coisarada (**falecimento da avó**), está bem melhor. Ela era bem quieta e quando a minha mãe faleceu ela ficava chorando e mais quieta. Depois da dança melhorou muito, falando bastante... se abrindo mais.” (Pais/Responsáveis 2)

“Acho que ela consegue se socializar mais na APAE e fora, assim depois que entrou na dança... realmente fez bastante diferença na vida dela. É bem importante pra vida social dela... ela é uma menina que era difícil nessa parte das relações, então isso ajudou bastante na vida dela.” (Pais/Responsáveis 1)

Assim como os professores, os pais também identificam avanços e melhorias em aspectos psicomotores das PCD. Além disso, destacam a melhoria da interação no ambiente familiar. A dança enquanto expressão, é uma forma de comunicação, assim auxilia no processo interativo e de socialização (MARQUES, 1990).

Por outro lado, sabe-se que problemas de saúde mental, tais como estresse e depressão são situações que agravam o silenciamento (LÓSS; ISTOE; SANTOS, 2020). Assim, ao atuar sobre esses aspectos das PCD a dança contribui para a melhoria dos sintomas psíquicos, abrindo os caminhos para as relações sociais mais intensas (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013; PAIVA *et al.*, 2021).

Essas melhorias foram identificadas como um potencializador para inclusão social das PCD de forma ampla, mas também houve relatos de práticas individuais no contexto doméstico do uso da dança para acalmar-se, bem como na realização de tarefas na casa, que antes da dança não eram comuns.

Ela está mais calma... as vezes sai um pouquinho do ritmo, daí ela pega, liga uma música boa lá... gosta de escutar um sertanezinho lá. Dança um pouco e fica boa.” (Pais/Responsáveis 2)

“Era uma menina, como vou te dizer... não conseguia evoluir na parte motora. E hoje eu vejo ela bem evoluída. Sou muito grata pela dança. Em casa eu vejo que ela tinha medo de subir uma escada, uma coisa e outra, e hoje ela vai lavar uma louça, arrumar as coisas, colocar a roupa, está mais livre... e fica sempre dançando, sabe.” (Pais/Responsáveis 3)

“O meu irmão tinha um pouco de receio de ajudar nas coisas de casa, mas de um tempo pra cá ele ajuda... claro que não sobrecarregamos ele, mas faz

coisas leves como secar uma louça, varrer o chão da cozinha, recolher uma roupa... e assim, com a dança até a disposição dele melhora.” (Pais/Responsáveis 5)

Aqui também se trata de outro ponto identificado nas falas dos professores, tornando-o ainda mais robusto. A perspectiva da inclusão social visa possibilitar autonomia das PCD, por meio de um trabalho contínuo que lhes capacite para desenvolverem habilidades práticas e sociais (MOISES; STOCKMANN, 2020).

Assim, a dança enquanto uma ferramenta para inclusão social, parece mobilizar habilidades físicas e psíquicas das PCD que impactam positivamente na capacidade de realizarem atividades de cuidado pessoal, atividades domésticas básicas, bem como atividades laborais (LIMA *et al.*, 2013).

5.3.3 Preconceito e apoio às atividades de dança

Percebe-se nas falas dos pais/responsáveis alguma resistência ou preconceito inicial em relação à participação de PCD na dança, devido a estereótipos ou desconhecimento sobre suas capacidades para a realização das atividades e, principalmente, nas apresentações e competições.

No entanto, à medida que testemunham o impacto positivo da dança na vida e inclusão social das PCD, relatam uma mudança significativa em suas atitudes, sendo que a família passa a apoiar e estimular a participação nas atividades, apesar de haver dificuldades de tempo e financeira em algumas situações.

“Ah ela fala muito... eu no começo confesso que tinha medo dela fazendo essas apresentações, porque a gente sabe das limitações, mas com o tempo fui entendendo que era possível.” (Pais/Responsáveis 1)

“A família ajuda bastante ela... ela gosta né! Se a gente disser que não ‘hoje não dá pra você dançar’ ela fica doida. Daí a gente te ajudando, até ela disse que ia viajar pra uma competição. A gente falou ‘se você vai nós deixa e apoia’...” (Pais/Responsáveis 2)

“Sim, é muito bom ela fica numa alegria que ‘deus o livre’, que ver quando ela volta, ela mostra pra um, mostra pra outro pra outro. E todo mundo acompanha. Às vezes não dá pra ajudar muito pelo dinheiro pouco né...” (Pais/Responsáveis 6)

Percebe-se que os pais e familiares de PCD também sofrem com a exclusão social, bem como apresentam dificuldades no seu cotidiano para dar conta das responsabilidades e do acompanhamento como cuidadores. Neste sentido, em alguns momentos também reproduzem

certos preconceitos com as PCD, isso porque ficam sobrecarregadas com suas atribuições de cuidado e, em algumas situações solitárias (PASA; SILVEIRA, 2020).

Entretanto, percebe-se que mesmo com as dificuldades - que perpassam por questões psíquicas e financeiras, como a dificuldade de geração de renda - os estudos apontam que como forma de possibilitar a inclusão social o apoio às atividades das PCD pelas famílias é constante (SILVA; PASCOTINI; FEDOSSE, 2019).

5.3.4 Dança como ferramenta de inclusão social

Há entre os pais/responsáveis uma preocupação constante com a inclusão social das PCD, pois vivenciam no dia a dia as dificuldades e preconceitos. Neste sentido, observam no desenvolvimento das práticas de dança uma forma de mostrar a capacidade das PCD para o restante da sociedade.

Neste sentido, a prática da dança é um caminho para o reconhecimento das PCD como capazes de realizar atividades como qualquer outra. Assim, apesar de enfatizarem a atividade cotidiana da dança na instituição, destacam a importância das atividades fora deste contexto, em apresentações nos eventos e competição de dança. Nesses espaços percebem a inclusão social de forma mais efetiva.

“É um ganho para a sociedade geral, é uma forma deles aparecerem pra sociedade. Mostrar que eles realmente conseguem fazer de uma forma legal essa dança... é uma forma de inclusão, de mostrar que eles são capazes!” (Pais/Responsáveis 1)

“Uma visibilidade que eles têm, uma oportunidade de mostrar que eles têm talento.” (Pais/Responsáveis 1)

“Eles têm que fazer o que é bom pra eles. Se eles gostam de fazer porque eles não vão fazer!? Hoje em dia não tem, até gente com cadeira de roda... lá em Joinville que tem aquelas danças, um monte lá dançando, porque que eles aqui também não vão poder fazer!? E nas apresentações eles mostram isso né!? Pra todo mundo ver...” (Pais/Responsáveis 2)

A preocupação com a inclusão social das PCD perpassa pelas falas dos professores e dos pais/responsáveis, visto que é uma preocupação constante para esse público. Conforme aponta Pasa e Silveira (2020), isso tem impactos na própria saúde mental desses familiares e cuidadores.

Sendo assim, a oportunidade de sair do âmbito da instituição de ensino especial e realizar atividades em outros espaços da sociedade é por si só uma ação de inclusão social, sendo que também abre portas para outras conexões e possibilidades para as PCD, conforme

observam os pais. Sendo a participação em apresentações é identificado no contexto da dança inclusiva como um fator importante para que as PCD se sintam importantes e incluídas no processo (SILVA, 2022).

Apesar dessa ênfase em uma inclusão social ampla, os pais/responsáveis reconhecem que a dança contribui para melhoria da comunicação no âmbito público, seja na relação social e vínculos com outras PCD ou mesmo com pessoas que não apresentam deficiências.

5.4 Percepções dos estudantes com deficiência

Os estudantes da instituição, todos PCD, têm algumas dificuldades de comunicação o que fez com que suas falas ficassem mais curtas, todavia as suas percepções foram passíveis de análise, dando origem a 3 temas, a saber: Dança como prazer e sentido para vida; Desenvolvimento pessoal, saúde e qualidade de vida; Relações familiares e a dança. A seguir serão descritas e discutidas cada uma delas.

5.4.1 Dança como prazer e sentido para vida

Nos relatos dos estudantes, foi possível identificar que a participação nas atividades de dança na instituição são motivo de alegria e satisfação. O pertencimento ao grupo é algo destacado por eles, sendo que isso lhes traz satisfação, tanto no cotidiano das aulas quanto nas apresentações e competições externas.

Além disso, alguns estudantes relataram que a dança passou a ser um sentido para a vida, ocupando um espaço relevante no cotidiano. Ou seja, além de uma disciplina da instituição, passou a ser uma atividade incorporada na vida deles.

“Quando eu to dançando eu fico bem calmo e feliz” (Estudante 4)

“Ahh é muito bom, eu me sinto muito orgulhosa em fazer parte do grupo de dança.” (Estudante 2)

“Eu fico muito feliz quando tem uma apresentação, um evento assim... Fico muito alegre.” (Estudante 1)

“Ahh é uma coisa assim que eu gosto muito. Quando tem ensaio eu fico muito feliz por participar e conviver com os outros colegas também” (Estudante 2)

“Eu gosto que a dança é a coisa mais importante que faço, eu fico sempre pensando nisso e me dá vontade de viver.” (Estudante 2)

Destaca-se que nas falas dos professores, dos pais e agora dos alunos a relação entre dança e prazer foi identificada como temática, evidenciado a relevância deste aspecto para a

efetividade dessa prática, bem como da adesão das PCD a atividade.

Em estudo realizado por Antunes, Silva e Araújo (2013), com bailarinos com deficiência, foi identificado que as percepções dos participantes foi que houveram aquisição de competências técnicas e artísticas, mas o principal enfoque é nos ganhos subjetivos e sociais, que a dança é uma forma de realização pessoal, profissional e de inserção social.

Destaca-se que na sociedade atual, muitas vezes esse espaço de alegria e realização é atribuído ao trabalho, sendo semelhante quando observa-se os estudos sobre a inserção das PCD no mercado de trabalho (LIMA *et al.*, 2013). Entretanto, a música enquanto atividade polissêmica, também ganha essa dimensão de “sentido da vida” para esse grupo, contribuindo com seus benefícios físicos e psíquicos.

5.4.2 Desenvolvimento pessoal, saúde e qualidade de vida

Os estudantes também conseguem identificar avanços e desenvolvimento conquistados pela inserção e prática da dança. Eles destacam melhorias, dentro de suas possibilidades como PCD, tais como: maior responsabilidade, controle do estresse, sensação de disposição, vontade para realizar as atividades e desinibição, diminuição da fraqueza, melhora na mobilidade e equilíbrio, melhora na motricidade para execução de movimentos da dança e auxílio em outras modalidades esportivas.

“Melhorou bastante, dentro das minhas possibilidades eu desenvolvi mais. Acho que tenho mais responsabilidade e a dança é muito boa pra estar fazendo um esporte também.” (Estudante 2)

“Quando eu to na dança eu fico calma, bem leve, sai o estresse da pessoa.” (Estudante 2)

“Eu era um pouco tímida, agora eu melhorei bastante.” (Estudante 2)

“Eu me sinto muito bem em dançar... agora eu acho bem fácil fazer os movimentos.” (Estudante 5)

“Melhorou na parte da saúde, assim em coisas que eu sentia fraqueza, dificuldade, melhorou.” (Estudante 2)

“Tá melhorando, com a dança eu tenho mais disposição, coordenação... melhorou bastante o meu desempenho, até em casa.” (Estudante 2)

“Eu faço futebol e tênis de mesa... a dança me ajudou a me movimentar melhor.” (Estudante 5)

Também identificado pelos professores e pais/responsáveis, o desenvolvimento de habilidades foi apontado pelas PCD sobre sua condição como participantes do grupo de dança. Neste sentido, percebe-se que os relatos dos grupos anteriores corroboram com a a

autopercepção das PCD sobre melhorias na responsabilidade, controle do estresse, sensação de disposição, desinibição, diminuição da fraqueza, melhora na mobilidade, entre outras.

Destaca-se que esses impactos da dança transcendem as PCD, em pesquisa etnográfica realizada em um grupo de dança para pessoas sem deficiência, Cernea (2015) constatou que a dança proporciona uma maior integração entre os aspectos mentais e corporais de cada participante, permitindo que eles entrem em contato com suas emoções e as expressam por meio de movimentos corporais.

Além disso, a experiência promove um processo de individuação, no qual cada indivíduo pode vivenciar maneiras mais autênticas de ser e interagir, escapando dos processos de homogeneização tão presentes na sociedade atual (CERNEA, 2015) e que acaba sendo um entrave para as PCD.

Nas falas também foi destacada a possibilidade da realização de atividades em grupo, bem como o compartilhamento de conhecimentos já adquiridos com a dança para colegas com dificuldade, recém-chegados ou com vontade de participar do grupo.

“Porque eu gosto, porque é uma coisa pra gente aprender e para estar em associação com as pessoas que são importantes na nossa vida.” (Estudante 2)

“Tem aluno que vem me perguntar “que quero participar”, tem como? Eu falo que a dança é boa e que ajuda pra quem é tímido...” (Estudante 2)

“É bom porque daí a gente ajuda os outros alunos, tem gente ali... tem umas meninas que não sabem os passos. Daí eu ajudo elas a fazerem os passos das danças. A minha amiga errou os passos e eu ajudei ela.” (Estudante 3)

A prática da dança por pessoas com deficiência também tem demonstrado a capacidade de fomentar a solidariedade e o senso de comunidade (SILVA, 2011). Através da dança inclusiva, os participantes encontram um espaço de igualdade e respeito mútuo, onde as diferenças são celebradas e valorizadas. Essa experiência compartilhada cria laços de empatia e apoio entre os participantes, promovendo a solidariedade e a colaboração entre eles (ANTUNES; SILVA; ARAÚJO, 2013).

5.4.3 Relações familiares e a dança

Nas falas dos estudantes sobre a importância da dança para eles, foi possível perceber que a relação e envolvimento da família com as atividades da dança era de grande relevância. Pequenas situações como conselhos, apoio para aprender a dançar, bem como reconhecimento dos familiares pelas atividades realizadas foram trazidos como pontos centrais para fortalecimento do laço das PCD e suas famílias

Desta forma, percebe-se que além da inclusão social, pensada para fora do espaço da instituição e do contexto familiar, as atividades da dança reforçam vínculos afetivos e sentimentais com os parentes próximos.

“Quando eu fui dançar na apresentação eu fiquei nervosa no ensaio antes ali, mas acostuma. Fica nervosa, mas logo passa ali. Dançamos bem e ficamos felizes. O pai falou que não precisa ficar nervoso.” (Estudante 3)

“A família gosta que eu participe... eles sempre falam pra eu vir.” (Estudante 5)

“Ahh porque eu gosto, minha família deixa eu dançar... meu pai e meu irmão olharam o vídeo e começaram a chorar.” (Estudante 3)

“Antes eu não sabia dançar e minha irmã me ajudava em casa.” (Estudante 3)

Conforme apontado nas falas dos pais/responsáveis, há um fortalecimento de vínculo da família com a PCD após a inserção na dança, principalmente devido a mais interação que acontece. Dessa forma, nota-se que os vínculos afetivos já existentes se reforçam contribuindo para a coesão familiar (SILVA; PASCOTINI; FEDOSSE, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto desta pesquisa, os objetivos propostos foram alcançados ao compreendermos as influências positivas da dança no processo de inclusão social de pessoas com deficiência vinculadas a uma instituição de educação especial em Lages-SC. Os resultados obtidos revelaram importantes contribuições relatadas em cada um dos grupos investigados.

No que diz respeito aos professores, percebeu-se que a inserção na dança proporcionou um desenvolvimento motor mais amplo, além de estimular a desinibição e o prazer em realizar as atividades. Esses profissionais destacaram a melhoria das habilidades cognitivas dos estudantes e observaram que eles passaram a se envolver em outras atividades com maior entusiasmo tanto na escola quanto em casa.

Os pais e responsáveis também relataram benefícios significativos, constatando a melhoria na qualidade de vida dos estudantes com deficiência. Além disso, notaram uma maior percepção de inclusão social por parte de seus filhos, especialmente em virtude das apresentações e eventos relacionados à dança.

Por sua vez, os estudantes com deficiência expressaram satisfação e alegria em participar das atividades de dança, evidenciando um aumento na interação em sala de aula, na solidariedade e no auxílio aos colegas. Esses resultados reforçam a importância da dança como ferramenta de inclusão social, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes.

No entanto, é importante ressaltar que este estudo possui algumas limitações, como o fato de ter sido realizado em uma instituição de educação especial específica, o que pode limitar a generalização dos resultados. Portanto, sugere-se que futuros trabalhos explorem diferentes contextos e populações, a fim de ampliar a compreensão sobre os impactos da dança na inclusão social de pessoas com deficiência.

Diante dos resultados obtidos, é recomendado que a dança seja cada vez mais valorizada e incorporada nas práticas pedagógicas, tanto em instituições de educação especial quanto em escolas regulares. Além disso, é fundamental promover a formação e capacitação de professores e profissionais da área, visando uma abordagem inclusiva e sensível às necessidades individuais dos estudantes com deficiência.

Em suma, esta pesquisa contribuiu para o entendimento dos impactos positivos da dança no processo de inclusão social de pessoas com deficiência, destacando melhorias motoras, cognitivas, de desinibição e a percepção de inclusão social. Espera-se que tais resultados inspirem ações e políticas que promovam a inclusão da dança na abordagem integral das PCD, contribuindo para a participação plena e igualitária dessas pessoas na sociedade, fortalecendo

sua autonomia e dignidade.

REFERÊNCIAS

- ANDREANI, F.; NUNES, P. S. Dançar especial: dança como fator de desenvolvimento e inclusão social. *In: EDUCERE – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 7. 2015, Curitiba. 2015. **Anais** [...]. Curitiba, 2015. p. 23263-23269.
- ANTUNES, A. P.; SILVA, C.; ARAÚJO, L. A dança como fator de desenvolvimento pessoal e de inclusão: percepções de um grupo de dança inclusiva. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, v. 3, p. 33-45, 2013.
- BARRETO, D. **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/135465>. Acesso em: abril de 2022.
- BRAGA, D. M. *et al.* Benefícios da dança esporte para pessoas com deficiência física. **Revista Neurociências**, v. 10, n. 3, p. 153-157, 2002.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Ministério da Educação: Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
- BRASIL. Decreto Nº 7.612 de 17 de novembro de 2011. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011.
- BRASIL. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010a.
- BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010b. 207p.
- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, MEC/SEESP, 1994.
- BRAUN, V.; CLARKE, V.; RANCE, N. How to use thematic analysis with interview data. *In: VOSSLER, A.; MOLLER, N. (Orgs.). The counselling and psychotherapy research handbook*. London: Sage, 2014. p. 183-197.
- BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2006.
- BREITENBACH, F. V.; HONNEF, C.; COSTAS, F. A. T. Educação inclusiva: as implicações das traduções e das interpretações da Declaração de Salamanca no Brasil.

Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 24, p. 359-379, 2016.

CERNEA, F. **Corpo e reconhecimento: narrativas sobre experiências em um grupo de dança**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.47.2015.tde-04082015-154233.

CHEN, C.-C. (JJ) *et al.* Examination of participation and performance of dancing movement in individuals with Down syndrome. **International Journal of Developmental Disabilities**, v. 65, n. 1, p. 58-63, 2019.

CLARO, C. P. L. **Avaliação de um programa de dança em jovens com necessidades educativas especiais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5149/1/Tese%20final_Catarina_Claro.

CLARO, E. **Método dança-educação física: uma reflexão sobre consciência corporal e profissional**. São Paulo: E. Claro. 1988.

FELÍCITAS. **Dança do Brasil: indígenas e folclóricas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.

FERREIRA, E. L.; FERREIRA, M. B. R. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 13-18, 2004.

FERREIRA, F. A. D. **Da imagem à palavra: a audiodescrição para o cinema na construção de referentes**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014.

FERREIRA, V. **Dança escolar: um novo ritmo para a Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FLICK, U. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: Um guia para iniciantes**. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre. Penso, 2013.

FREITAS, K. P. J.; CAETANO, A. S.; TAVARES, M. C. G. C. F. **O papel da dança para pessoas com deficiência mental segundo profissionais que atuam nas APAEs da região de Campinas**. Faculdade de Educação Física- Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/congressos/imagemcorporal2010/trabalhos/portugues/area1/IC1-33.pdf>. Acesso em fev. de 2022.

FURLAN, S.; MOREIRA, V. A.; RODRIGUES, G. M. Esquema corporal em indivíduos com Síndrome de Down: uma análise através da dança. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.7, n. 3, p. 235-243, 2008.

GARCÍA, V. G. Panorama da inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho no Brasil. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 12, p. 165-187, 2014.

GARIBA, C. M. S; FRANZONI, A. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Revista Movimento**, v.13, n.2, p.155-171, 2007.

LABAN, R. V. **Dança Educativa Moderna**. SP: Ícone, 1990.

LIMA, M. P. *et al.* O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 42-68, 2013.

LOPES, K. F.; PAULA, M. A. C.; ARAÚJO, P. F. Dança, deficiência e seus contextos: 20 anos no projeto de extensão inclusão pela dança. **Revista Internacional de Extensão da UNICAMP**, v. 2, p. e021006-e021006, 2021.

LÓSS, J. C. S.; ISTOE, R. S. C.; SANTOS, M. F. R. Desmistificando os muros do silêncio: tendências dos estudos sobre o fenômeno suicídio e o impacto na saúde pública. *In:* VARGAS, A. F. M.; SOUZA, C. H. M.; CAMPOS, M. M. (Orgs). **Tendências e controvérsias nas pesquisas em ciências sociais e saúde**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, p. 155-166, 2020.

MACHADO, L. T. A. A dançaterapia melhora a qualidade de vida e a função neuromuscular de indivíduos com transtornos neuromotores. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2010.

MANTOAN, M. T. É.; SANTOS, M. T. T. Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha. **Educação**, v. 29, n. 1, p. 55-64, 2006.

MARQUES, I. M. M. A. Dança e educação. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 16, n. 1-2, p. 5-22, 1990.

MARQUES, Isabel. A. **Dançando na Escola**. 4.^a ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996. 208p.

MELLER, V. A. *et al.* A dança costurando saberes sociais na educação. **Revista Polyphonia**, v. 31, n. 1, p. 125-142, 2020.

MENDONÇA, A. A. S. Educação especial e educação inclusiva: dicotomia de ensino dentro de um mesmo processo educativo. *In:* VII ENCONTRO DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO. III CONGRESSO INTERNACIONAL: TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS EDUCATIVOS. **Anais [...]**. Universidade de Uberaba – Campus Aeroporto, 2015.

MOISES, R. R.; STOCKMANN, D. A pessoa com deficiência no curso da história: aspectos sociais, culturais e políticos. **History of Education in Latin America-HistELA**, v. 3, p. e20780-e20780, 2020.

MONTEZUMA, M. A. *et al.* Adolescentes com deficiência auditiva: a aprendizagem da dança e a coordenação motora. **Revista Brasileira Educação Especial**, v. 17, n. 2, p.321-334, 2011.

MOREIRA, W. W. Corpo presente num olhar panorâmico. *In:* MOREIRA, W. W. **Corpo Presente**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Normas sobre igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência**. Lisboa: Secretariado Nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência. 1995.

ORLANDO, R. M.; ALVES, S. P. F.; MELETTI, S. M. F. Pessoas com deficiência em tempos de pandemia da COVID-19: algumas reflexões. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. 1-19, 2021.

PAIVA, J. C. M.; BENDASSOLLI, P. F. Políticas sociais de inclusão social para pessoas com deficiência. **Psicologia em Revista**, v. 23, n. 1, p. 418-429, 2017.

PAIVA, R. R. *et al.* Dança e Síndrome de Down: uma revisão sistemática. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 22, n. 1, p. 217-234, 2021.

PASA, D.; SILVEIRA, M. Bem-estar e qualidade de vida de cuidadores familiares de pessoas com deficiência. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 21, n. 2, p. 415-422, 2020.

PEREIRA, S. R. C *et al.* Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**, n. 25, p.60- 61, 2001.

PINHEIRO, J. M. S. **Dança de salão: perspectiva de ensino para inclusão**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança). Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

REBELO, P. C. P. S. A importância da dança, enquanto terapia, na inclusão de crianças com paralisia cerebral. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2014.

REINDERS, N.; BRYDEN, P. J.; FLETCHER, P. C. Dancing with Down syndrome: a phenomenological case study. **Research in Dance Education**, v. 16, n. 3, p. 291-307, 2015.

ROSSI, P.; VAN MUNSTER, N. A. Dança e deficiência: uma revisão bibliográfica em teses e dissertações nacionais. **Movimento**, v. 19, n. 04, p. 181-205, 2013.

SANTOS, K. P. Dança para crianças e adolescentes com deficiência intelectual. **Actividad Física y Ciencias**, v. 7, n. 2, 2018.

SANTOS, R. F.; GUTIERREZ, G. L.; ROBLE, O. J. Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 271-276, 2019.

SASSAKI, R. K. Inclusão, o paradigma da próxima década. **Mensagem da APAE**, v. 34, n. 83, p. 29, 1998.

SILVA, A. C. P. **Dança (inclusiva): o impacto do Grupo Dançando com a Diferença**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). Universidade da Madeira, Portugal, 2011.

SILVA, B. P. **Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com**

deficiência e demais participantes. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2022.

SILVA, R. S.; PASCOTINI, F. S.; FEDOSSE, E. Da condição de cuidadores e do ato de cuidar de pessoas com deficiência intelectual. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 30, n. 3, p. 167-173, 2019.

SILVEIRA, N. **O Mundo das Imagens.** São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, F. R.; PIMENTEL, A. M. Pessoas com deficiência: entre necessidades e atenção à saúde. **Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar**, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2012.

SOUZA, P. H. A. Dança contemporânea: percepção, contradição e aproximação. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 4, p. 9561270, 2013.

TAVARES, I. M. **Educação, corpo e arte.** Curitiba: IESDE, 2005.

TEIXEIRA-MACHADO, L.; DESANTANA, J. Dançaterapia e a qualidade de vida de pessoas com deficiência física: ensaio clínico controlado. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v. 5, n. 1, 2013.

TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. (Orgs). **Dança e Diversidade Humana.** Campinas, SP: Papyrus, 2006.

VERDERI, É. **Dança na escola: uma abordagem pedagógica.** São Paulo: Phorte.2009.

VIRIATO, H. Contribuições da dançaterapia no aspecto emocional de pessoas com deficiência física durante programa de reabilitação. **Acta Fisiátrica**, v. 21, n. 2, p. 66-70, 2014.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro da entrevista com os estudantes do projeto de dança da APAE.

Identificador do entrevistado: _____

Data nascimento: _____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outros.

Renda bruta familiar:

- () até um salário mínimo () de um a dois salários mínimos () de três a quatro salários mínimos
 () mais de quatro salários mínimos

Escolaridade:

- () Fundamental I incompleto
 () Fundamental I Completo
 () Fundamental II incompleto
 () Fundamental II completo
 () Ensino médio incompleto
 () Ensino médio completo
 () Ensino superior incompleto
 () Ensino superior completo
 () Especialização () Mestrado () Doutorado
 () Outros: Quais _____

Tem filhos? Não () Sim () Quantos _____ Idades dos filhos (as) _____

Você trabalha? Não () Sim () Qual local: _____

Religião: _____

Onde mora? _____

Quantas pessoas moram na casa com você: _____. Quem são essas pessoas: _____

Participa de outros projetos na APAE além da dança: Sim () Não () Quais:

Por que você faz parte do projeto de dança?

Como você se sente no grupo de dança?

Qual a importância da dança na sua vida?

Você percebeu mudanças em sua vida depois que começou a participar do projeto de dança?

Poderia descrever?

Você indicaria para seus colegas que não participam do grupo de dança participar? Por quê?

Apêndice B - Roteiro da entrevista com as famílias dos alunos do projeto de dança da APAE.

Identificador do entrevistado: _____

Data nascimento: _____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outros.

Qual seu estado civil atualmente?

() solteiro () divorciado () união estável () casado

Renda bruta familiar:

() até um salário mínimo () de um a dois salários mínimos () de três a quatro salários mínimos

() mais de quatro salários mínimos

Escolaridade:

() Fundamental I incompleto

() Fundamental I Completo

() Fundamental II incompleto

() Fundamental II completo

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Ensino superior incompleto

() Ensino superior completo

() Especialização () Mestrado () Doutorado

() Outros: Quais _____

Tem filhos? Não () Sim () Quantos _____ Idades dos filhos (as) _____

_____ Você trabalha? Não () Sim () Qual local: _____

Religião: _____ Onde mora? _____

Quantas pessoas moram na casa com você: _____

Quem são essas pessoas: _____

Leva seu filho/dependente em outros projetos na APAE além da dança: Sim () Não () Quais:

Por que seu filho/filha faz parte do projeto de dança?

Como você percebe seu filho/filha no grupo de dança?

Qual a importância da dança na vida de seu filho/filha?

Você percebeu mudanças na vida de seu filho/filha depois que começou a participar do projeto de dança? Poderia descrever?

Você indicaria para outros familiares matricularem seus filhos/filhas no grupo de dança? Por quê?

Apêndice C - Roteiro da entrevista com docentes da APAE pesquisada.

Identificador do entrevistado: _____

Data nascimento: _____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outros.

Qual seu estado civil atualmente?

() solteiro () divorciado () união estável () casado

Renda bruta familiar:

() até um salário mínimo () de um a dois salários mínimos () de três a quatro salários mínimos

() mais de quatro salários mínimos

Escolaridade:

() Fundamental I incompleto

() Fundamental I Completo

() Fundamental II incompleto

() Fundamental II completo

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Ensino superior incompleto

() Ensino superior completo

() Especialização () Mestrado () Doutorado

() Outros: Quais _____

Tem filhos? Não () Sim () Quantos _____ Idades dos filhos (as) _____

Você trabalha em outro local além da APAE? Não () Sim ()

Qual local _____

Religião: _____

Onde mora? _____

Quantas pessoas moram na casa com você: _____

Quem são essas pessoas: _____

Na sua opinião, por que seu aluno faz parte do projeto de dança?

Como você percebe seu aluno no grupo de dança?

Qual a importância da dança na vida de seu aluno?

Você percebeu mudanças na vida de seu aluno depois que começou a participar do projeto de dança? Poderia descrever?

Você indicaria para os outros alunos participarem do grupo de dança? Por quê?

Apêndice D - Termo de Consentimento Livre E Esclarecido (TCLE).

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “**IMPACTOS DO PROJETO DE DANÇA NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: narrativas de docentes, discentes e famílias**” O objetivo deste trabalho é analisar os impactos da dança no processo de inclusão social de pessoas com deficiência. Os participantes do estudo serão cinco discentes, cinco docentes e cinco familiares. Para a instituição, para os alunos e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar, compreender, analisar e conhecer a contribuição da dança no processo de inclusão social das pessoas com deficiência. **De acordo com a resolução 466/2012** “Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados” e também de acordo com **a resolução 510/2016** “Art. 4: O processo de consentimento e do assentimento livre e esclarecido envolve o estabelecimento de relação de confiança entre pesquisador e participante”, onde trata dos princípios éticos da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais e dos esclarecimentos a todos (as) envolvidos (as) na pesquisa.

A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer de maneira que consiste em fatores psicológicos ou arrependimento da participação, porém serão tomados os procedimentos éticos e acolhimento dos mesmos para não ocorrer transtornos em suas vidas, além também dos mesmos cuidados com os facilitadores que participarão da pesquisa, e se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados, por ventura os participantes apresentem problemas emocionais em decorrência da pesquisa, os mesmos serão encaminhados para atendimento na Clínica de Psicologia da Uniplac, objetivando minimizar os riscos e respeitando os fatores éticos e de vida de cada participante e de forma gratuita. Mesmo depois de assinar o participante continua com o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexos causal com a pesquisa

Os benefícios na participação nesta pesquisa estão relacionados a dar espaço para a expressão por meio da dança, aos participantes como a contribuição dessa ferramenta no desenvolvimento cognitivo e social dos sujeitos participantes, produzindo informações científicas para legitimar o trabalho executado na APAE/Lages, bem como estimular novos projetos em locais que acolham esta população.

Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo

com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com as Resoluções CNS nº466/12, nº 510/16 e complementares. Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através do telefone: (49) 98426 6041. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC, (49) 32511086, e-mail: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu _____ (nome por extenso e CPF) declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo(a) pesquisador(a), lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

(Nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Lages, ____ de _____ de _____.

Responsável pelo projeto: Salésio Padilha

Orientador: Dr. Dalvan Antonio de Campos

Co orientadora: Mareli Eliane Graupe

Endereço para contato: Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226. Lages - SC

Telefone para contato: (49) 98426 6041

E-mail: salesio@uniplaclages.edu.br

E-mail orientador do projeto: dalvandecampos@uniplaclages.edu.br

E-mail co orientadora do projeto: prof.mareli@uniplaclages.edu.br

Apêndice E - Termo de assentimento.

Título da pesquisa: Impactos do Projeto de Dança no Processo de Inclusão Social de Pessoas com Deficiência

Pesquisador e colaboradores: Salésio Padilha, Dalvan Antônio de Campos e Mareli Eliane Graupe.

Sua mãe/Seu pai, _____, autorizou você, _____, a conversar comigo. E você? Vai querer?

 Sim Não

Apêndice F – Artigo para submissão em periódico científico conforme normas do PPGAS.

Dança no processo de desenvolvimento e inclusão social de pessoas com deficiência: percepções de professores, familiares e estudantes

Dance in the process of development and social inclusion of people with disabilities: perceptions of teachers, family members, and students

La Danza en el proceso de desarrollo e inclusión social de personas con discapacidad: percepciones de profesores, familiares y estudiantes

RESUMO

Este artigo possui como objetivo compreender as influências da dança no processo de desenvolvimento e inclusão social de pessoas com deficiência no contexto educacional e na sociedade. Esta pesquisa é relevante considerando o impacto social da temática na perspectiva da inclusão social de pessoas com deficiência e, também, possibilita a produção de conhecimentos que poderão embasar políticas públicas e ações voltadas para a inclusão desse grupo populacional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que foi desenvolvida na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do município de Lages/SC. Os participantes da pesquisa foram seis professores, seis familiares e seis estudantes com deficiência que participavam do grupo de dança. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário sociodemográfico e entrevistas individuais com roteiro semiestruturado que versava sobre o objetivo da pesquisa. Os áudios foram transcritos na íntegra e os dados foram interpretados de acordo com a análise temática agrupados em quatro temas: a) autonomia e independência; b) socialização e vínculos; c) qualidade de vida e prazer e d) Inclusão social e rupturas do capacitismo. Concluiu-se que a inserção na dança contribuiu em diversos aspectos para melhoria da qualidade de vida e da inclusão social das PCD. Destaca-se o desenvolvimento motor, cognitivo, a desinibição e prazer para realizar a dança, bem como outras atividades na escola. Além disso, constatou-se que a dança contribui na inclusão social, em especial por conta das apresentações e eventos externos à instituição de educação especial.

Palavras-chave: Pessoas com deficiência; Dança; Inserção social.

ABSTRACT

This article aims to understand the influences of dance on the process of social inclusion of people with disabilities in the educational context and in society. This research is relevant considering the social impact of the theme from the perspective of social inclusion of people with disabilities, and also allows the generation of knowledge that can support public policies and actions aimed at the inclusion of this population group. It is a qualitative research, conducted at the Association of Parents and Friends of the Exceptional in the municipality of Lages/SC. The research participants included six teachers, six family members, and six students with disabilities who were part of the dance group. Data collection was carried out through a sociodemographic

questionnaire and individual interviews with a semi-structured script focused on the research objective. The audio recordings were transcribed in full, and the data were interpreted according to thematic analysis, grouped into four themes: a) autonomy and independence; b) socialization and relationships; c) quality of life and enjoyment; and d) social inclusion and ruptures of ableism. It was concluded that engagement in dance contributed in various aspects to the improvement of quality of life and social inclusion of individuals with disabilities. Notable aspects include motor and cognitive development, inhibition reduction, and the enjoyment of dance performance, as well as other activities at school. Additionally, it was observed that dance contributes to social inclusion, particularly through presentations and events external to the special education institution.

Key-words: People with disabilities; Dance; Social inclusion.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender las influencias de la danza en el proceso de inclusión social de personas con discapacidad en contextos educativos y sociales. Esta investigación es relevante considerando el impacto social del tema desde la perspectiva de la inclusión social de las personas con discapacidad, y también permite la generación de conocimiento que puede respaldar políticas públicas y acciones orientadas a la inclusión de este grupo poblacional. Se trata de una investigación cualitativa, realizada en la Asociación de Padres y Amigos de los Excepcionales en el municipio de Lages/SC. Los participantes en la investigación incluyeron seis profesores, seis familiares y seis estudiantes con discapacidad que formaban parte del grupo de danza. La recopilación de datos se realizó a través de un cuestionario sociodemográfico y entrevistas individuales con un guion semiestructurado centrado en el objetivo de la investigación. Las grabaciones de audio se transcribieron íntegramente y los datos se interpretaron de acuerdo con el análisis temático, agrupados en cuatro temas: a) autonomía e independencia; b) socialización y relaciones; c) calidad de vida y disfrute; y d) inclusión social y rupturas del capacitismo. Se concluyó que la participación en la danza contribuyó en diversos aspectos a la mejora de la calidad de vida y la inclusión social de las personas con discapacidad. Aspectos notables incluyen el desarrollo motor y cognitivo, la reducción de la inhibición y el disfrute de la interpretación de la danza, así como otras actividades en la escuela. Además, se observó que la danza contribuye a la inclusión social, especialmente a través de presentaciones y eventos externos a la institución de educación especial.

Palabras clave: Personas con discapacidad; Danza; Inserción social.

Introdução

Este artigo tem como objetivo compreender as influências da dança no processo desenvolvimento e inclusão social de Pessoas com Deficiência (PCD) no contexto educacional e na sociedade. Destaca-se que muito se tem discutido e avançado acerca da inclusão social desse grupo populacional, todavia percebe-se que ainda há um grande caminho para efetivação dos direitos garantidos e acesso às atividades inclusivas. Neste sentido, o presente trabalho aponta algumas evidências sobre a dança como uma ferramenta relevante neste processo.

Sabe-se que há diversas diferenças entre os seres humanos e que as PCD sempre estiveram presentes nos grupos populacionais, tendo diferentes abordagens.

No passado, as pessoas que nasciam ou que apresentavam durante a sua vida uma deficiência física, auditiva, visual ou intelectual, eram vistas como castigadas por Deus. Neste sentido, ficavam restritas ao convívio familiar ou a instituições de confinamento (MOISES; STOCKMANN, 2020).

A supervalorização da capacidade física, sensorial e cognitiva ao longo da história resultou em consequências negativas para as PCD, que enfrentaram a eliminação, exclusão e diversas formas de segregação. Essas atitudes refletem preconceito, discriminação e a desvalorização de suas vidas, negando-lhes igualdade de oportunidades e participação plena na sociedade (MOISES; STOCKMANN, 2020).

Neste sentido, os conceitos e percepções sobre a deficiência transformaram-se ao longo do tempo, sendo que atualmente entende-se que há necessidade do envolvimento das PCD na vida comunitária, todavia isso depende de a sociedade assumir sua responsabilidade no processo de inclusão, visto que a deficiência é também uma construção social (PAIVA; BENDASSOLLI, 2017).

Neste sentido, Gesser, Block e Mello (2020, p.18), conceituam capacitismo como a “discriminação de pessoas por motivo de deficiência”. Aqueles que não encaixam no padrão de normalidade são patologizados e inferiorizados, pois são considerados menos capazes e menos produtivos (SIQUEIRA, DORNELLES, ASSUNÇÃO, 2020; BÖCK *et al.*, 2020). O capacitismo desloca as responsabilidades relacionadas à deficiência para as pessoas, não pensando na forma como os ambientes e a sociedade são estruturados (SIQUEIRA, DORNELLES, ASSUNÇÃO, 2020, p.153).

Desta forma, o capacitismo é uma opressão estrutural que segrega pessoas com deficiência, e que permeia as pessoas sem deficiência, mas também as pessoas com deficiência, gerando uma desvalorização de si mesmo, o chamado capacitismo internalizado (CAMPBELL, 2009; LOPES, SOLVALAGEM, BUSSE, 2020).

Sendo assim, a inclusão social refere-se a um processo que visa garantir a participação plena e igualitária de todos os indivíduos na sociedade, independentemente de suas características, origem, habilidades ou condições. Trata-se de criar condições para que todas as pessoas tenham acesso aos mesmos direitos, oportunidades e recursos, possibilitando sua integração e contribuição ativa em todas as esferas da vida social, como educação, trabalho, cultura, lazer, saúde e participação política (BRASIL, 2010; MOISES; STOCKMANN, 2020).

A inclusão social das PCD é um direito fundamental garantido em leis, como por exemplo na Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). Apesar dos avanços e legislações, é necessário eliminar barreiras físicas e atitudinais, oferecer acesso a serviços e oportunidades de educação e emprego. Somente assim pode-se garantir a igualdade de direitos e oportunidades (ANDREANI; NUNES, 2015). Mantoan (2006), acredita que a inclusão só ocorrerá quando a sociedade parar de pensar que ela tem o direito de escolher quem serão os incluídos.

Neste sentido, a dança tem se mostrado como uma ferramenta relevante neste processo de inclusão e mudança da percepção social (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013). Nela, é possível desenvolver talentos individuais e coletivos, proporcionando benefícios físicos, psicológicos e culturais. Assim, contribui para uma inclusão social ampla, através do palco da vida, a dança permite explorar o mundo do belo, do real e do imaginário. É uma forma poderosa de expressão que amplia horizontes (BRAGA *et al.*, 2002).

Estudos de revisão com ênfase em portadores de síndrome de Down, confirmam os impactos positivos da dança nos aspectos motores, cognitivos e de interação/inclusão social (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013; PAIVA *et al.*, 2021).

Todavia, a maioria das pesquisas são quantitativas e clínicas, voltadas para avaliação direta dos corpos, movimentos e desenvolvimento psíquico das PCD, sendo escassos os trabalhos qualitativos que busquem compreender as percepções dos atores envolvidos no cotidiano desse grupo.

Este texto está organizado em quatro seções: a) introdução; b) procedimentos metodológicos; c) apresentação e discussões dos resultados das entrevistas com estudantes, professoras e familiares e por fim d) considerações finais sobre as influências da dança no desenvolvimento e inclusão social das pessoas com deficiência.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que buscou compreender a percepção de professores, familiares e estudantes com deficiência sobre os impactos da dança na inclusão social de PCD. A abordagem de pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar os significados e a complexidade de fenômenos sociais, culturais e humanos. Ela se concentra na coleta, organização, sistematização e análise de dados descritivos e interpretativos (FLICK, 2013).

Deste modo, a pesquisa qualitativa exige uma imersão nas perspectivas, experiências, valores e significados atribuídos pelos participantes sobre um tema investigado, neste caso o impacto da dança na inclusão social de PCD. Assim, ela preocupa-se em capturar a subjetividade, a complexidade e os processos sociais, permitindo uma análise aprofundada e contextualizada dos dados, mas também passível de extrapolação para outros contextos (FLICK, 2013).

A presente pesquisa foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da Associação de Municípios da Região Serrana (AMURES) localizada no município de Lages/SC. A APAE conta com inúmeras atividades oferecidas às PCD, dentre elas o projeto de dança.

O projeto de dança acontece desde 2017 e contempla em torno de 45 estudantes. São realizadas 2 aulas semanais com duração de 1 hora nas dependências da APAE/Lages. Além das atividades para o público geral, o grupo possui uma equipe de competição em que são selecionados os estudantes com maior aptidão para as atividades de dança. Essa equipe participa de campeonatos regionais e estaduais, tendo conquistado dois títulos em etapas classificatórias para o estadual. O grupo também faz apresentações em eventos na Região Serrana.

Os participantes da pesquisa foram os professores da APAE/Lages, familiares e estudantes com deficiência, que participavam do grupo de dança e que aceitaram participar da pesquisa. Ao todo foram entrevistados seis professores, seis familiares e seis estudantes com deficiência integrantes do grupo de dança da instituição de educação especial. Conforme recomendado na pesquisa qualitativa a amostragem foi definida por conveniência. Ou seja, foram selecionadas pessoas que tinham proximidade e experiências pessoais com o tema da pesquisa.

Nesta pesquisa, para a coleta dos dados foram usados dois instrumentos: questionário sociodemográfico e entrevista individual semiestruturada. O primeiro foi aplicado com todos os participantes da pesquisa, antes da realização das entrevistas, sendo o instrumento adaptado para os diferentes grupos. O segundo, tratou-se de roteiros semiestruturados adaptados para cada grupo. As entrevistas foram realizadas no mês de fevereiro de 2023 em local reservado e adequado para facilitar a conversa com os interlocutores. Foi utilizado gravador digital para registros dos áudios para posterior transcrição e análise.

Os resultados do questionário sociodemográfico foram organizados em planilha de Microsoft Excel e apresentados por meio da estatística descritiva em números absolutos. E para a análise de dados das entrevistas foi utilizada a Análise Temática, conforme apresentado por Braun, Clarke e Rance (2014). A partir desta análise foram construídos quatro temas, oriundos das percepções das professoras, das percepções dos familiares e dos estudantes com deficiência. As temáticas foram agrupadas em 4 temas: a) Autonomia e independência; b) Socialização e vínculos; c) Qualidade de vida, prazer e aumento da autoestima; d) Inclusão social, visibilidade e rupturas do capacitismo. Por fim, os temas foram discutidos com referencial teórico e pesquisas disponíveis na literatura científica.

Resultados e Discussão

Ao todo foram entrevistadas 18 pessoas, sendo seis professores, seis familiares e seis estudantes. Entre os professores, cinco eram do gênero feminino e um do gênero masculino, sendo que todos eram oriundos do município de Lages/SC e professavam a religião católica. A média de idade foi de 47,2 anos, variando de 38 a 54 anos, em relação ao estado civil, cinco eram casados e um viúvo. Quanto à escolaridade, um tinha mestrado concluído, dois graduação concluída e três especialização concluída. Sobre a renda familiar, quatro afirmaram receber mais de quatro salários-mínimos, uma pessoa afirmou receber de três a quatro salários mínimos e uma pessoa mais de um salário mínimo.

Entre os familiares, todos eram do gênero feminino, oriundos do município de Lages/SC, sendo que quatro professavam a religião evangélica e duas a religião católica. A média de idade foi de 39,5 anos, variando de 23 a 54 anos, em relação ao estado civil, cinco eram solteiras e uma tinha união estável. Quanto à escolaridade, duas tinham ensino superior completo e quatro ensino fundamental I incompleto. Sobre a renda familiar, três afirmaram receber de um a dois salários-mínimos, duas até um salário mínimo e uma de três a quatro salários mínimos.

Dos seis estudantes, quatro eram do gênero feminino e dois do gênero masculino, sendo que todos eram oriundos do município de Lages/SC e professavam a religião católica. A média de idade foi de 33,2 anos, variando de 24 a 37 anos, e todos eram solteiros. Quanto à escolaridade, três tinham fundamental I incompleto, dois fundamental II incompleto e um fundamental II completo. Sobre a renda familiar, cinco afirmaram receber até um salário-mínimo e um afirmou receber de um a dois salários mínimos. Após a apresentação do perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa serão apresentadas as percepções dos professores, familiares e estudantes agrupados nos quatro temas a seguir.

a) Autonomia e independência

A partir da inserção nas atividades de dança, os professores identificaram que as PCD que praticavam a dança apresentavam melhoras cognitivas, tais como o aumento no tempo de concentração nas atividades em sala, a expressão das necessidades e a interação com os colegas e professores.

“Eles evoluíram bastante, principalmente em questão de coordenação, de equilíbrio, de concentração, de raciocínio...” (Professor 6).

Rossi e Van Munster (2013) identificaram efeitos positivos da dança, sendo os principais a melhoria no comportamento, aspectos cognitivos e interativos das PCD.

Em outra revisão, com enfoque nas pessoas com síndrome de Down, Paiva *et al.* (2021), também corroboram com os achados da presente pesquisa, identificando uma associação positiva entre a dança e os aspectos cognitivos.

Outro aspecto recorrente nas falas dos professores foi o desenvolvimento físico e motor proporcionado pela dança. As PCD acompanhadas pelos professores apresentaram evolução na motricidade ampla e fina, mobilidade e marcha realizando melhor as atividades do cotidiano. Além disso, tais melhorias impactam na possibilidade de melhor inserção no mercado de trabalho.

“Quando eles fazem a dança tem todo um preparo de saber os passos, seguir a sequência, ter ritmo, ter a coordenação motora ampla e fina... no dia a dia deles isso é bem importante, pois eles conseguem transferir os conhecimento que eles tem ali na dança para os outros momentos.” (Professor 1).

“Eles evoluíram bastante principalmente questão de coordenação e de equilíbrio, de raciocínio... como a questão da independência que ajuda muito, pois estão sendo direcionados para o mercado de trabalho. Isso ajuda.” (Professor 4).

Sabe-se que a dança, devido a movimentação para execução dos passos e coreografias, exige o desenvolvimento da consciência corporal dos seus praticantes. Estudo realizado com PCD no Rio Grande do Sul, para verificar as modificações nos padrões de desenvolvimento motor mediante prática da dança, concluiu que houve ganho significativo no desenvolvimento motor entre as pessoas que participaram do programa de dança (BRAGA *et al.*, 2002).

Por outro lado, Chen *et al.* (2019) ao comparar pessoas com síndrome de Down e pessoas sem essa condição durante a execução de dança, identificaram que as PCD apresentaram um balanço corporal significativamente maior em comparação com os outros. Além disso, foram mais ativos em resposta à música e não foi observado déficit de sincronização motora.

Ainda em relação a motricidade, dança e a inserção social, como no mercado de trabalho, Santos, Gutierrez e Roble (2019), apontam que o corpo com deficiência, ao ocupar espaços que antes eram dominados pelo corpo ideal, provoca um diálogo e confronto nos espectadores com suas próprias histórias, valores e preconceitos. Essa interação leva a reflexões sobre a história desse corpo e sua aceitação. Assim, a dança desempenha um papel transformador tanto a nível pessoal (do corpo) quanto social.

Esses desenvolvimentos foram relacionados com a melhoria na percepção da qualidade de vida e saúde das pessoas com deficiência. Isso porque ao se engajar na dança, experimentam benefícios em termos físicos como fortalecimento muscular, melhora da flexibilidade, equilíbrio e coordenação motora. E assim eles se percebem aptos para realizar as atividades diárias, tem redução de dores, desconfortos e aumento da resistência física.

“A gente vê esse desenvolvimento motor dele, que pode ser lento... que pra muitos por ser pouco, mas que pra ele é importante. Erguer uma mão, pra uma pessoa que tinha dificuldades é a possibilidade de fazer tarefas antes impossíveis.” (Professor 3).

Corroborando com os achados desta pesquisa, Montezuma *et al.* (2011), afirma que a participação em aulas de dança por pessoas com deficiência auditiva contribuiu para o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio e da flexibilidade. Em outro estudo, a dança como terapia mostrou-se eficaz na melhoria da mobilidade articular e funcionalidade em indivíduos com transtornos neuromotores. Os resultados

indicaram comprometimento na qualidade de vida nesses indivíduos, porém a dançaterapia melhorou significativamente os domínios de capacidade funcional, estado geral de saúde, aspectos sociais e limitações emocionais (MACHADO, 2010).

Acerca da melhoria nas atividades do dia a dia, em ensaio clínico controlado com PCD que praticavam dançaterapia, identificou relação entre a prática da dança e as melhoras na realização de atividades do cotidiano. Os participantes que receberam sessões de dançaterapia relataram melhorias na realização das atividades diárias, devido à melhoria da mobilidade, autonomia e desempenho funcional (TEIXEIRA-MACHADO; DESANTANA, 2013). Destaca-se que este estudo avaliou somente pessoas com deficiência física.

Assim como os professores, os familiares também identificam avanços e melhorias em aspectos psicomotores das PCD, como melhoria na concentração, em movimentos e atividades. Essas melhorias foram identificadas como um potencializador para inclusão social das PCD, como na realização de tarefas na casa, que antes da dança não eram comuns.

“Era uma menina, como vou te dizer... não conseguia evoluir na parte motora. E hoje eu a vejo bem evoluída. Sou muito grata pela dança. Em casa eu vejo que ela tinha medo de subir uma escada, uma coisa e outra, e hoje ela vai lavar uma louça, arrumar as coisas, colocar a roupa, está mais livre... e fica sempre dançando, sabe.” (Familiar 3).

A perspectiva da inclusão social visa possibilitar autonomia das PCD, por meio de um trabalho contínuo que lhes capacite para desenvolverem habilidades práticas e sociais (MOISES; STOCKMANN, 2020). Os estudantes também conseguem identificar avanços e desenvolvimento conquistados pela inserção e prática da dança. Eles destacam melhorias, tais como: maior responsabilidade, sensação de disposição, vontade para realizar as atividades, diminuição da fraqueza, melhora na mobilidade e equilíbrio, melhora na motricidade para execução de movimentos da dança e auxílio em outras modalidades esportivas.

“Tá melhorando, com a dança eu tenho mais disposição, coordenação... melhorou bastante o meu desempenho, até em casa.” (Estudante 2).

“Eu faço futebol e tênis de mesa... a dança me ajudou a me movimentar melhor.” (Estudante 5).

A dança enquanto uma ferramenta para inclusão social, parece mobilizar habilidades físicas das PCD que impactam positivamente na capacidade de realizarem atividades de cuidado pessoal, atividades domésticas básicas, bem como atividades laborais (LIMA *et al.*, 2013).

b) Socialização e vínculos

Foi observado pelos professores e familiares que às PCD inseridas no grupo de dança, ao longo do tempo, passaram a apresentar melhoras na socialização, tanto com os colegas da dança quanto com os demais. Além disso, devido à característica coletiva do grupo de dança, houve a identificação de que as PCD desenvolveram sentimento de pertencimento ao grupo, bem como habilidades para lidar e trabalhar com mais pessoas, o que em geral é uma dificuldade neste público.

“Eles desenvolvem também a socialização porque ele participa de um grupo e ali ele sabe que os outros também dependem dele para que tudo dê certo.

Eles amadurecem bastante e se sentem parte de alguma coisa.” (Professor 2)

“Eles demonstram muito isso, né... eles falam, os que não conseguem falar se expressam mostrando a dança, fazendo os passos que eles já aprenderam e também eles desenvolvem essa questão de estarem em grupo. Que é bem importante para eles... que é o pertencimento a um grupo.” (Professor 3).

“Os alunos melhoram na socialização... a questão de sair de dentro do espaço da escola e de se apresentar em um lugar que tem uma multidão maior, pessoas estranhas... muito importante em todas as áreas.” (Professor 6).

“Acho que ela consegue se socializar mais na APAE e fora, assim depois que entrou na dança... realmente fez bastante diferença na vida dela. É bem importante pra vida social dela... ela é uma menina que era difícil nessa parte das relações, então isso ajudou bastante na vida dela.” (Familiar 1).

As práticas de dança, principalmente as coletivas, permitem uma integração entre as pessoas que a praticam. Deste modo, há necessidade e treinamento da interação social nesta prática (SILVEIRA, 1992). No que tange às PCD, percebe-se que alguns estudos apontam para esse efeito socializante da dança, especialmente entre os colegas pertencentes ao grupo (LOPES; PAULA; ARAÚJO, 2021).

Reinders, Bryden e Fletcher (2015), em pesquisa que explorou a experiência vivida por um jovem de 21 anos com síndrome de Down enquanto participava de uma aula de dança comunitária, identificaram que a dança teve benefícios sociais, físicos e psicológicos. Especificamente, a aula de dança proporcionou a oportunidade de expandir o círculo social, envolver-se cognitivamente e se tornar fisicamente ativo. Os autores sugerem que a dança pode ter benefícios significativos para as PCD, proporcionando oportunidades de inclusão social, estimulação cognitiva e atividade física.

Esse pertencimento a um grupo foi identificado pelos professores como um motivador para a realização das atividades em sala de aula, principalmente em trabalhos que necessitam da interação e colaboração para serem executados. Nestes casos, além da atuação conjunta foram destacadas as práticas de solidariedade e amizades que passaram a acontecer entre as PCD envolvidas na dança, qualificado a coesão social deles enquanto grupo.

“Eles conversam bastante até inclusive eles ficam comentando entre eles e se comparando com os colegas... a ‘ele não conseguiu fazer isso, então venha cá que eu vou te ajudar’. Na minha turma já aconteceu de eles pedirem licença, levantarem da cadeira e ajudar o colega com dificuldade. Com jeitinho deles, eles conseguem ajudar o colega que não está conseguindo” (Professor 6).

“O tango que é em dupla... gera o contato com a outra pessoa. Às vezes não gosta ou não conhece e acabam se aproximando e virando grandes amigos.” (Professor 4).

Conforme Meller *et al.* (2020), participar de um grupo de dança oferece uma oportunidade inclusiva para interagir e integrar um ambiente de criação. É um processo educativo comprometido com a vida e a sociedade, promovendo o crescimento pessoal, a produção e a socialização de conhecimentos. Busca-se promover aprendizados que promovam conexão e respeito aos ambientes vitais, visando ao desenvolvimento do exercício da cidadania.

Nas falas dos estudantes também foi destacada a possibilidade da realização de atividades em grupo e como isso lhes traz satisfação, bem como o compartilhamento de conhecimentos já adquiridos com a dança para colegas com dificuldade, recém chegados ou com vontade de participar do grupo.

“Ahh é uma coisa assim que eu gosto muito. Quando tem ensaio eu fico muito feliz por participar e conviver com os outros colegas também” (Estudante 2).

“Porque eu gosto, porque é uma coisa pra gente aprender e para estar em associação com as pessoas que são importantes na nossa vida.” (Estudante 2)

“Tem aluno que vem me perguntar “que quero participar”, tem como? Eu falo que a dança é boa e que ajuda pra quem é tímido...”(Estudante 2)

“É bom porque daí a gente ajuda os outros alunos, tem gente ali... tem umas meninas que não sabem os passos. Daí eu ajudo elas a fazerem os passos das danças. A minha amiga errou os passos e eu ajudei ela.” (Estudante 3)

A prática da dança por pessoas com deficiência também tem demonstrado a capacidade de fomentar a solidariedade e o senso de comunidade (SILVA, 2011). Através da dança inclusiva, os participantes encontram um espaço de igualdade e respeito mútuo, onde as diferenças são celebradas e valorizadas. Essa experiência compartilhada cria laços de empatia e apoio entre os participantes, promovendo a solidariedade e a colaboração entre eles (ANTUNES; SILVA; ARAÚJO, 2013). Silva (2011), em pesquisa realizada em Portugal sobre dança inclusiva, identificou laços de solidariedade entre participantes do grupo corroborando com nossos resultados.

Ao participar destas atividades as PCD experienciam tais conexões, fazendo com que consigam avançar em aspectos de socialização que tinham dificuldade para desenvolver (PAIVA *et al.*, 2021). A dança enquanto expressão, é uma forma de comunicação, assim auxilia no processo interativo e de socialização (MARQUES, 1990).

Os familiares também relatam que as PCD inseridas na dança apresentam desenvolvimento da socialização e destacam a melhoria da interação no ambiente familiar. E nas falas dos estudantes foi possível perceber que a relação e envolvimento da família com as atividades da dança era de grande relevância. Pequenas situações como conselhos, apoio para aprender a dançar, bem como reconhecimento dos familiares pelas atividades realizadas foram trazidos como pontos centrais para fortalecimento do laço das PCD e suas famílias

Desta forma, percebe-se que além da inclusão social, pensada para fora do espaço da instituição e do contexto familiar, as atividades da dança reforçam vínculos afetivos e sentimentais com os parentes próximos.

“Quando eu fui dançar na apresentação eu fiquei nervosa no ensaio antes ali, mas acostuma. Fica nervosa, mas logo passa ali. Dançamos bem e ficamos felizes. O pai falou que não precisa ficar nervoso.” (Estudante 3).

“Ahh porque eu gosto, minha família deixa eu dançar... meu pai e meu irmão olharam o vídeo e começaram a chorar.” (Estudante 3).

Ou seja, tanto os familiares como os estudantes apontam que há um fortalecimento do vínculo da família com a PCD após a inserção na dança, principalmente devido a mais interação que acontece. Dessa forma, nota-se que os vínculos afetivos já existentes se reforçam contribuindo para a coesão familiar (SILVA; PASCOTINI; FEDOSSE, 2019).

c) Qualidade de vida e prazer

A dança, enquanto uma atividade artística e esportiva, foi identificada pelos professores como uma potente ferramenta para proporcionar satisfação e prazer para as PCD. A prática da atividade, compreensão e execução dos passos gerou desafios que quando superados eram motivos de orgulho e satisfação pessoal. Assim, os professores percebem os momentos da dança como um espaço em que as PCD frequentam de forma voluntária, interessada e motivada.

“Os alunos quando estão inseridos dentro desses trabalhos (dança), eles ficam bem positivos e felizes. Eles querem aprender e fazer cada vez mais bonito.” (Professor 1).

Os familiares também apontaram que a prática da dança traz imenso prazer e um sentimento de alegria para seus filhos. Ao se envolverem na dança, eles descobrem uma forma de expressão que lhes permite se conectar com suas emoções de maneira única, sendo visível no cotidiano das famílias.

“Ela gosta muito, ela fica feliz, né!? Ela gosta de dançar e é uma coisa boa pra ela também... Quando tá dançando ela fica bem alegre... até ela disse pro pai ‘é tão bom a gente dança, eu gosto de ir pro colégio’... quando ela não vem fica bem triste.” (Familiar 2).

O movimento da dança é embalado pelas emoções e por meio desses movimentos pode-se liberar sentimentos reprimidos, medos e inseguranças (MOREIRA, 2009). Conforme Bregolato (2006), as danças historicamente são repletas de expressões corporais, com pintura do corpo, uso de roupas especiais, nestes esses momentos eram representados e expressados os sentimentos de felicidade.

A dança proporciona uma experiência de prazer para PCD, conforme identificado em estudo com cadeirantes dançarinos (FERREIRA; FERREIRA, 2004). Ela permite-lhes expressar-se e explorar o movimento de maneiras significativas. Independentemente das limitações físicas ou sensoriais, a dança oferece uma plataforma inclusiva onde as pessoas com deficiência podem se conectar com seu corpo, expressar emoções e desfrutar da liberdade do movimento. O prazer encontrado na dança vai além das habilidades técnicas ou da performance, é uma manifestação de autenticidade e uma forma de comunicação que transcende as barreiras da deficiência (SANTOS, 2018).

Nos relatos dos estudantes, também foi possível identificar que a participação nas atividades de dança na instituição são motivo de alegria e satisfação. Além disso, alguns estudantes relataram que a dança passou a ser um sentido para a vida, ocupando um espaço relevante no cotidiano. Ou seja, além de uma disciplina da instituição, passou a ser uma atividade incorporada na vida deles.

“Quando eu to dançando eu fico bem calmo e feliz” (Estudante 4).

“Ah é muito bom, eu me sinto muito orgulhosa em fazer parte do grupo de dança.” (Estudante 2).

“Eu gosto que a dança é a coisa mais importante que faço, eu fico sempre pensando nisso e me dá vontade de viver.” (Estudante 2).

A música enquanto atividade polissêmica, também ganha essa dimensão de “sentido da vida” para esse grupo, contribuindo com seus benefícios físicos e psíquicos. Em estudo realizado por Antunes, Silva e Araujo (2013), com bailarinos

com deficiência, foi identificado que as percepções dos participantes foi que houveram aquisição de competências técnicas e artísticas, mas o principal enfoque é nos ganhos subjetivos e sociais, em que a dança é uma forma de realização pessoal, profissional e de inserção social.

A participação nas atividades da dança, bem como a satisfação de executar os passos, em especial quando em apresentações e competições externas à instituição foi relatada pelos estudantes e apontada pelos professores como um aspecto de fortalecimento e aumento da autoestima das PCD. Ao realizar essas apresentações ganham visibilidade e são aplaudidos por suas conquistas, contribuindo para a autoconfiança e o amor-próprio, permitindo-lhes explorar seu potencial criativo e reconhecer seus potenciais.

“E o orgulho que eles sentem após cada apresentação, a vibração que eles têm. Isso é muito importante pra vida deles.” (Professor 2)

Eles ficam mais alegres, eles demonstram isso... quando eles estão fora, que é o momento deles estarem fora do ambiente da APAE... e os alunos reconhecem seus potenciais.” (Professor 3)

A ocupação de espaços que antes não eram possíveis para as PCD, bem como o reconhecimento pelas suas atividades, identificado na literatura como um fator que colabora para o aumento da autoestima delas (VIRIATO *et al.*, 2014). Corroborando assim com os resultados identificados neste estudo. Estudo qualitativo realizado no Rio Grande do Norte, adaptando a dança de salão para uma aluna com Síndrome de Down para proporcionar segurança e autonomia ao participar das aulas e, posteriormente, de um espetáculo de dança, identificou que ao passar pelo processo de treinamento houve mudança positiva, com desinibição e melhor expressão frente ao público (PINHEIRO, 2020).

Entretanto, destaca-se que apesar das atividades do dia-a-dia serem prazerosas, os familiares relatam que nos momentos de competição ou de apresentações para o público muitos apresentam sensação de ansiedade pré atividade e de prazer e alegria após os eventos.

“Inclusive a dança ele relata muito... teve algumas competições que ele participou, também teve uma dança que ele fez no início do ano. Ele comentava direto em casa, mostrava os passos... mas ficava muito nervoso antes de acontecer. Depois, quando superou aquilo era só alegria, ficou realizado.” (Familiar 5).

Conforme os relatos, essas experiências envolvem medo e ansiedade, mas também uma satisfação profunda e senso de realização pessoal. Além disso, os familiares também citaram que a dança auxiliou na melhoria no controle da ansiedade, controle das emoções e do humor.

“Eu vejo que eles conseguem ser mais calmos, principalmente a minha filha que é bem ansiosa... então a dança ajuda bastante na ansiedade dela. Ela consegue se concentrar mais, ficar mais calma.” (Familiar 1).

“Pra quem não sabia dançar, ela está de parabéns. Tinha dias em casas que a gente falava com ela, e tava muito brava... agora com a dança melhorou bastante.” (Familiar 2).

Sabe-se que problemas de saúde mental, tais como estresse e depressão são situações que agravam o silenciamento (LÓSS *et al.*, 2020). Assim, ao atuar sobre esses aspectos das PCD a dança contribui para a melhoria dos sintomas psíquicos,

abrindo os caminhos para as relações sociais mais intensas (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013; PAIVA *et al.*, 2021). Os familiares relataram práticas individuais, no contexto doméstico, do uso da dança para acalmar-se. Corroborando com a autopercepção dos próprios estudantes, na qual a dança trouxe melhoria no controle do estresse e sensação de disposição.

Ela está mais calma... as vezes sai um pouquinho do ritmo, daí ela pega, liga uma música boa lá... gosta de escutar um sertanezinho lá. Dança um pouco e fica boa.” (Familiar 2).

“Quando eu to na dança eu fico calma, bem leve, sai o estresse da pessoa.” (Estudante 2).

A dança para as PCD auxilia na redução do estresse, melhora autoconfiança, autenticidade (SANTOS, 2018). Este tema, também identificado entre os professores, em que se deu ênfase para os efeitos da dança, tais quais mobilização de emoções, movimentos, medos e inseguranças (MOREIRA, 2009).

Por fim, destaca-se que esses impactos da dança transcendem as PCD, em pesquisa etnográfica realizada em um grupo de dança para pessoas sem deficiência, Cernea (2015) constatou que a dança proporciona uma maior integração entre os aspectos mentais e corporais de cada participante, permitindo que eles entrem em contato com suas emoções e as expressam por meio de movimentos corporais.

d) Inclusão social e rupturas do capacitismo

A inclusão social refere-se a um processo que visa garantir a participação plena e igualitária de todos os indivíduos na sociedade, independentemente de suas características, origem, habilidades ou condições (MOISES; STOCKMANN, 2020). Para isso, deve-se criar condições para que todas as pessoas tenham acesso aos mesmos direitos, oportunidades e recursos, possibilitando sua integração e contribuição ativa em todas as esferas da vida social, como educação, trabalho, cultura, lazer, saúde e participação política (BRASIL, 2010).

No caso das PCD, quando se aborda a perspectiva ampla da inclusão social, trata-se de não limitar o acesso delas a recursos e serviços em locais especializados e isolados, mas sim incorporá-las nos diferentes espaços da sociedade, como se faz no contexto escolar e no acesso ao emprego e renda (BRASIL, 2011; LIMA *et al.*, 2013).

Apesar dos outros aspectos trabalhados até o momento tratarem de temas relacionados a uma mais inclusão social, visto que perpassam por aspectos de desenvolvimento pessoal das PCD, notou-se que os professores, familiares e estudantes apontaram os eventos externos de dança como principal momento de inclusão social.

O acesso e a ocupação dos diferentes espaços da sociedade, em eventos, competições e outras atividades fora da instituição, faz com que não fiquem limitados as atividades e vivências das escolas especiais. Ou seja, passam a interagir com pessoas que não apresentam deficiência em seu cotidiano, não limitando-se às interações com os professores. Assim, incluem-se na sociedade por meio da visibilidade e reconhecimento de suas capacidades nas apresentações e pelas experiências e relações com diferentes contextos.

“De ser mais visto... temos uma inclusão social hoje que só pensa na escola como inclusão social, mas nós temos que pensar que a inclusão social

através da dança que nós temos aqui leva nossos alunos pra fora! (Professor 1).

“Eles falam muito dessa questão de estar presente e visíveis (por meio da participação nos eventos de dança) em uma sociedade que frequentemente os deixam invisíveis” (Professor 3).

As apresentações de dança, bem como a participação em competições são identificados como uma adjuvante neste processo inclusivo, visto que permite a ocupação de espaços antes limitados às PCD (BRAGA *et al.*, 2002). A preocupação com a inclusão social das PCD é constante e perpassa as falas dos professores e dos familiares, pois as PCD vivenciam no dia-a-dia as dificuldades e preconceitos. Neste sentido, observam no desenvolvimento das práticas de dança uma forma de mostrar a capacidade das PCD para o restante da sociedade.

“É um ganho para a sociedade geral, é uma forma deles aparecerem pra sociedade. Mostrar que eles realmente conseguem fazer de uma forma legal essa dança... é uma forma de inclusão, de mostrar que eles são capazes!” (Familiar 1).

“Conseguem nas aberturas de eventos fazer apresentações com qualidade, demonstrando sua capacidade e importância na sociedade.” (Professor 4).

A prática da dança é um caminho para o reconhecimento das PCD como capazes de realizar atividades como qualquer outra. Assim, apesar de enfatizarem a atividade cotidiana da dança na instituição, destacam a importância das atividades fora deste contexto, em apresentações nos eventos e competição de dança. Nesses espaços de apresentações em eventos, os familiares e professores percebem a inclusão social de forma mais efetiva.

“... é que as pessoas tem muito essa coisa de não conhecer as pessoas com deficiência, ou estão acostumadas a verem elas como coitadinhas. Daí elas vão lá se apresentam e mudam a percepção das pessoas.” (Professor 3).

O tango é um exemplo, que deixa todo mundo emocionado porquê? Quem é de nós que sabe dançar tango? Então, quando eles vão lá e fazem, mostram que superam os desafios.” (Professor 1)

“Eu acredito que o crescimento deles como pessoa, porque eles são muito rotulados na sociedade... como coitadinhos e eles não são. A dança ajudou muito eles a romper com isso e ver que eles podem fazer tudo que uma pessoa dita normal faz, que podem conversar, se socializar, se apresentar, competir...” (Familiar 6)

A visibilidade que a dança permite nessas apresentações pode ser considerada uma ruptura com o capacitismo, pois enfrenta essa tentativa constante de invisibilizar e segregar as PCD, além de questionar essa compreensão de que as PCD são menos capazes. Ou seja, a participação em apresentações é identificada como um fator importante para que as PCD se sintam importantes e incluídas no processo (SILVA, 2022). A oportunidade de sair do âmbito da instituição de ensino especial e realizar atividades em outros espaços da sociedade é por si só uma ação de inclusão social, sendo que também abre portas para outras conexões e possibilidades para as PCD.

Porém, percebe-se nas falas dos familiares alguma resistência inicial em relação à participação de PCD na dança, devido ao capacitismo, ou seja, estereótipos ou desconhecimento sobre suas capacidades para a realização das atividades e, principalmente, nas apresentações e competições.

“Ah ela fala muito... eu no começo confesso que tinha medo dela fazendo essas apresentações, porque a gente sabe das limitações, mas com o tempo fui entendendo que era possível.” (Familiar 1).

No entanto, à medida que testemunham o impacto positivo da dança na vida e inclusão social das PCD, relatam uma mudança significativa em suas atitudes, sendo que a família passa a apoiar e estimular a participação nas atividades, apesar de haver dificuldades de tempo e financeira em algumas situações.

“Sim, é muito bom ela fica numa alegria que ‘deus o livre’, que ver quando ela volta, ela mostra pra um, mostra pra outro. E todo mundo acompanha. Às vezes não dá pra ajudar muito pelo dinheiro pouco, né...” (Familiar 6).

Percebe-se que os pais e familiares de PCD também sofrem com a exclusão social, bem como apresentam dificuldades no seu cotidiano para dar conta das responsabilidades e do acompanhamento como cuidadores. Neste sentido, em alguns momentos também reproduzem certos preconceitos com as PCD, isso porque ficam sobrecarregadas com suas atribuições de cuidado e, em algumas situações solitárias (PASA; SILVEIRA, 2020). Entretanto, percebe-se que mesmo com as dificuldades - que perpassam por questões psíquicas e materiais, como a dificuldade de geração de renda - o apoio às atividades das PCD pelas famílias é constante (SILVA; PASCOTINI; FEDOSSE, 2019).

Por conta da discriminação social, gastos com cuidados médicos e necessidade de cuidado, às famílias das PCD apresentam baixa renda. Isso foi identificado inclusive nos dados sociodemográficos desta pesquisa. Sendo assim, percebe-se que a garantia do acesso gratuito às atividades de educação e saúde, incluído neste contexto a dança, são garantidos por lei e devem ser efetivados (BRASIL, 2011).

Em estudo sobre o perfil sociodemográfico e de saúde de PCD em bairro de Salvador na Bahia, Souza e Pimentel (2012) observaram que a maioria da população analisada apresentava uma renda média entre meio e três salários mínimos, baixa escolaridade e enfrentava dificuldades no acesso aos serviços de saúde no bairro e na cidade. Esses dados destacam uma população que vive em um contexto complexo de exclusão e privação coletiva, ressaltando a importância de compreender os processos sociais para melhorar a assistência prestada a essas comunidades. Sendo assim, os professores relataram que a dança possibilita a inclusão das PCD em atividades culturais e esportivas que, caso não tivessem acesso pela instituição, não teriam condições econômicas para realizar a prática.

“Envolve várias qualidades físicas dos alunos... e como eles fazem dança duas vezes por semana, pra vida deles é sensacional, porque a maioria dos nossos alunos não têm condições de frequentar uma academia. Então todo acesso a esse tipo de atividade esportiva e cultural se dá aqui.” (Professor 4).

Os familiares e professores reconhecem que a dança contribui para melhoria da comunicação no âmbito público, seja na relação social e vínculos com outras PCD ou mesmo com pessoas que não apresentam deficiências. Devido a exposição proporcionada pela dança, nos ensaios, apresentações e competições, as PCD inseridas na dança passaram a naturalizar a exposição ao público. É notável a diminuição da vergonha de realizar atividades que envolvam apresentação para o público, interno ou externo. Isso foi relacionado com o desenvolvimento de habilidades como a comunicação e expressão corporal, trabalhadas na dança.

“A gente vê esse crescimento, eles tinham vergonha de ficar perante o público, ou até mesmo aqui no espaço... agora não, já conseguem se

apresentar fora da APAE, dentro da APAE e ficam muito empolgados quando tem essas atividades.” (Professor 1).

A prática da dança contribui para desinibição de forma geral, sendo que ao fazer a prática coletivamente as pessoas ficam expostas ao olhar dos outros, e com o tempo naturalizam esta situação. Além disso, em apresentações artísticas ou prática em competição de dança esses limites são também exercitados (TOLOCKA; VERLENGIA; 2006). Foi enfatizado que com essa desinibição as PCD desenvolvem maior segurança para expressar suas opiniões e apresentar sua personalidade. E segundo a autopercepção dos estudantes a dança auxiliou na desinibição.

“As saídas, as apresentações desinibem, né? No começo eles chegavam ‘ah fiquei com vergonha professor, eu não queria ir’, mas com o tempo e incentivo eles vão desenvolvendo essa questão de vergonha... até na sala de aula, vai apresentar alguma coisinha, já vai primeiro, já pede pra ir primeiro.” (Professor 2).

“Eu era um pouco tímida, agora eu melhorei bastante.” (Estudante 2).

Essas melhorias são apresentadas, pelos professores, como importantes contribuições, visto que as PCD acompanhadas na instituição são direcionadas para o mercado de trabalho. As habilidades de se portar em público e perder a vergonha são exercidas em outras aulas para realização das entrevistas de emprego e exercício das atividades laborais.

“Inclusive eu tinha alguns alunos que eram muito tímidos, que tinham vergonha de participar de algumas atividades dentro da sala, de dizer eu não sei, ou eu sei... E a dança ajudou eles nisso, eles perceberam que são capazes, que conseguem dentro dos limites deles, inclusive se inserirem em outros espaço para o trabalho (Professor 6).

A desinibição auxiliar na inclusão de PCD no mercado de trabalho traz possibilidades de diversidade, valorização das habilidades, bem como o cumprimento de legislações inclusivas. No entanto, ainda existem desafios como estereótipos, barreiras físicas, falta de capacitação e conscientização, além de desigualdade de oportunidades. Para promover a inclusão, é necessário um esforço conjunto para criar um ambiente de trabalho inclusivo, oferecer suporte adequado e combater preconceitos, valorizando as habilidades individuais e proporcionando oportunidades iguais (GARCIA, 2014).

Estudo acerca da percepção das PCD sobre sua inserção no mercado de trabalho, desenvolvido por Lima *et al.*, (2013), não identificou a desinibição como uma preocupação delas. Nas produções discursivas analisadas, foi observada a importância central do trabalho na vida das pessoas, sendo visto como uma questão de sobrevivência para alguns e de inserção social para outros. As experiências no trabalho estão relacionadas ao sentimento de habilidade e utilidade para a sociedade. Os padrões encontrados nos discursos indicam que o trabalho tem um significado essencial para o exercício pleno da cidadania das PCD.

Considerações Finais

No contexto desta pesquisa é possível afirmar que a dança é uma ferramenta de desenvolvimento e inclusão social de pessoas com deficiência, considerando os seguintes aspectos mencionados entre professores, familiares e estudantes: a) desenvolvimento de autonomia e independência pela melhoria da motricidade, coordenação corporal e cognitiva, bem como na disposição e capacidade para realizar

atividades no contexto escolar e doméstico. b) desenvolvimento de sensação de bem estar, alegria, prazer, conexão com as emoções, criatividade e atividades de lazer por meio da conexão com a dança. c) melhoria da socialização e criação de vínculos com os colegas, professores familiares e outras pessoas pela desinibição desenvolvida pela dança e, principalmente pelas apresentações em público. d) maior inclusão social pela interação e ocupação de espaços antes não acessíveis para PCDs por meio da dança, bem como pela percepção social de que esse grupo consegue desenvolver atividades complexas, muitas vezes inexecutáveis para pessoas que não apresentam deficiência.

Assim, percebe-se que a dança é uma ferramenta de inclusão social, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes. No entanto, é importante destacar que este estudo possui algumas limitações, como o fato de ter sido realizado em uma instituição de educação especial específica, o que pode limitar a generalização dos resultados. Portanto, sugere-se que futuros trabalhos explorem diferentes contextos e populações, a fim de ampliar a compreensão sobre as influências e impactos da dança na inclusão social de pessoas com deficiência.

Diante dos resultados obtidos, é recomendado que a dança seja cada vez mais valorizada e incorporada nas práticas pedagógicas, tanto em instituições de educação especial quanto em escolas regulares. Além disso, é fundamental promover a formação e capacitação de professores e profissionais da área, visando uma abordagem inclusiva e sensível às necessidades individuais dos estudantes com deficiência. Assim, espera-se que tais resultados inspirem ações e políticas que promovam a participação plena e igualitária dessas pessoas na sociedade, fortalecendo sua autonomia e dignidade.

Referências

- ANDREANI, Fabiana; NUNES, Patrícia da Silva. DANÇAR ESPECIAL: dança como fator de desenvolvimento e inclusão social. In: Educere – XII Congresso Nacional de Educação. 2015. Curitiba. p. 23263-23269.
- ANTUNES, Ana P.; SILVA, Carolina; ARAÚJO, Liliana. A dança como fator de desenvolvimento pessoal e de inclusão: percepções de um grupo de dança inclusiva. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, v. 3, p. 33-45, 2013.
- BÖCK, Geisa Letícia Kempfer *et al.* Estudos da deficiência na educação: reflexões sobre o capacitismo no ensino superior. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (orgs.). **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: CRV, 2020.
- BRAGA, Douglas Martins *et al.* Benefícios da Dança Esporte para Pessoas com Deficiência Física. **Rev. Neurociências**, v. 10, n. 3, p. 153-157, 2002.
- BRASIL. Casa Civil. Decreto Nº 7.612 de 17 de novembro de 2011. **Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**, 2011.
- BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.

BRAUN, Virginia.; CLARKE, Victoria.; RANCE, Nicola. How to use thematic analysis with interview data. In: VOSSLER, Andreas.; MOLLER, Naomi. (Org.). **The counselling and psychotherapy research handbook**. London: Sage, 2014. p. 183-197.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2006.

CAMPBELL, Fiona. **Contornos do habilismo**: A produção de incapacidade e capacidade. Springer. 2009.

CERNEA, Fernanda. **Corpo e reconhecimento**: narrativas sobre experiências em um grupo de dança. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.47.2015.tde-04082015-154233.

CHEN, C-C Jj *et al.* Examination of participation and performance of dancing movement in individuals with Down syndrome. **International Journal of Developmental Disabilities**, v. 65, n. 1, p. 58-63, 2019.

FERREIRA, Eliana Lucia; FERREIRA, Maria BR. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 13-18, 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: Um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre. Penso, 2013.

GARCÍA, Vinicius Gaspar. Panorama da inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho no Brasil. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 12, p. 165-187, 2014.

GESSER, Marivete; BLOCK, Pamela; MELLO; Anahí Guedes de. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (Org.). **Estudos da deficiência**: anticapacitismo e emancipação social. Curitiba: CRV, 2020.

LIMA, Michelle Pinto de *et al.* O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 42-68, 2013.

LOPES, Keyla Ferrari; DA CRUZ PAULA, Maria Alice; DE ARAÚJO, Paulo Ferreira. Dança, deficiência e seus contextos: 20 anos no projeto de extensão inclusão pela dança. **Revista Internacional de Extensão da UNICAMP**, v. 2, p. e021006-e021006, 2021.

LOPES, Paula Helena; SOLVALAGEM, Alana Lazaretti; BUSSE, Fernanda

Grangeiro Malty Seixas. Em vistas da coligação: a interseccionalidade como ferramenta da luta anticapacitista, antirracista e antissexista. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (Org.). **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: CRV, 2020.

LÓSS, Juliana da Conceição Sampaio *et al.* Desmistificando os muros do silêncio: tendências dos estudos sobre o fenômeno suicídio e o impacto na saúde pública. **Sociais e Saúde**, p. 155, 2020.

MACHADO, Lavinia Teixeira de Aguiar. **A dançaterapia melhora a qualidade de vida e a função neuromuscular de indivíduos com transtornos neuromotores**. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Égler; SANTOS, Maria Terezinha Teixeira dos. Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha. **Educação (PUC/RS)**, Porto Alegre / RS, v. XXIX, n. 1, v. 58, p. 55-64, 2006.

MARQUES, Isabel M. M. de Azevedo. Dança e educação. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 16, n. 1-2, p. 05-22, 1990.

MELLER, Vanderléa Ana *et al.* A dança costurando saberes sociais na educação. **Revista Polyphonia**, v. 31, n. 1, p. 125-142, 2020.

MOISES, Ronaldo Rodrigues; STOCKMANN, Daniel. A pessoa com deficiência no curso da história: aspectos sociais, culturais e políticos. **History of Education in Latin America-HistELA**, v. 3, p. e20780-e20780, 2020.

MONTEZUMA, Maria Augusta.; ROCHA, Mariana V.; BUSTO, Rosângela Marques.; FUJISAWA, Dirce Shizuko. Adolescentes Com Deficiência Auditiva: a aprendizagem da dança e a coordenação motora. **Rev. Brasileira Educação Especial**, Marília, v.17, n.2, p.321-334, maio -ago., 2011.

MOREIRA, Wagner Wey. Corpo presente num olhar panorâmico. In: Moreira, Wagner Wey. **Corpo Presente**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/corpo-presente-num-olhar-panoramico-xn4ky9vvp3oj>. Acesso em abril de 2022.

PAIVA, Juliana Cavalcante Marinho; BENDASSOLLI, Pedro F. Políticas sociais de inclusão social para pessoas com deficiência. **Psicologia em Revista**, v. 23, n. 1, p. 418-429, 2017.

PAIVA, Rebecca Ramos *et al.* DANÇA E SÍNDROME DE DOWN: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 22, n. 1, p. 217-234, 2021.

PASA, Dayane; SILVEIRA, Michele. Bem-estar e qualidade de vida de cuidadores familiares de pessoas com deficiência. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 21, n. 2, p. 415-422, 2020.

PINHEIRO, José Marcelo Santos. **Dança de salão: perspectiva de ensino para inclusão**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

REINDERS, Nicole; BRYDEN, Pamela J.; FLETCHER, Paula C. Dancing with Down syndrome: a phenomenological case study. **Research in Dance Education**, v. 16, n. 3, p. 291-307, 2015.

ROSSI, Patrícia. MUNSTER, Ney de Abreu Van. Dança e deficiência: uma revisão bibliográfica em teses e dissertações nacionais. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 181-205, out/dez de 2013.

SANTOS, Kamila Pimentel. Dança para crianças e adolescentes com deficiência intelectual. **Actividad física y ciencias/physical activity and science**, v. 7, n. 2, 2018.

SANTOS, Renata Ferreira dos; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ROBLE, Odilon José. Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 271-276, 2019.

SILVA, Ana Carolina Pereira. **Dança (inclusiva): o impacto do Grupo Dançando com a Diferença**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade da Madeira (Portugal).

SILVA, Bruna Poliana. **Repercussões da dança folclórica alemã sob a perspectiva de pessoas com deficiência e demais participantes**. 2022. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2022.

SILVA, Rosane Seeger; PASCOTINI, Fernanda dos Santos; FEDOSSE, Elenir. Da condição de cuidadores e do ato de cuidar de pessoas com deficiência intelectual. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 30, n. 3, p. 167-173, 2019.

SILVA, Rosane Seeger; PASCOTINI, Fernanda dos Santos; FEDOSSE, Elenir. Da condição de cuidadores e do ato de cuidar de pessoas com deficiência intelectual. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 30, n. 3, p. 167-173, 2019.

SILVEIRA, Nise. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SIQUEIRA, Denise; DORNELLES, Tarso Germany; ASSUNÇÃO, Sabrina Mangrich de. Experienciando capacitismo: a vivência de três pessoas com deficiência. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (Org.). **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: CRV, 2020.

SOUZA, Fernanda; Reis PIMENTEL, Adriana Miranda. Pessoas com deficiência: entre necessidades e atenção à saúde/People with disabilities: between needs and health care. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 20, n. 2, p. 229, 2012.

TEIXEIRA-MACHADO, Lavinia; DESANTANA, Josimari. Dançaterapia e a qualidade de vida de pessoas com deficiência física: ensaio clínico controlado. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v. 5, n. 1, 2013.

TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rozangela e colaboradores. **Dança e Diversidade Humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

VIRIATO, Heckert. Contribuições da dançaterapia no aspecto emocional de pessoas com deficiência física durante programa de reabilitação. **Acta fisiátrica**, v. 6233, p. 020, 2014.

ANEXO

Anexo 1 - Parecer de aprovação do comitê de ética em pesquisa.

UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IMPACTOS DO PROJETO DE DANÇA NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: Narrativas De Docentes, Discentes E Famílias

Pesquisador: SALESIO PADILHA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65910722.0.0000.5368

Instituição Proponente: Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.833.488

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa será realizada Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da Associação de Municípios da Região Serrana (AMURES) localizada no município de Lages/SC. A APAE conta com inúmeras atividades ofertadas a seus alunos, entre elas o projeto de dança, que tem entre seus objetivos contribuir no processo de inclusão social dos alunos participantes. Os